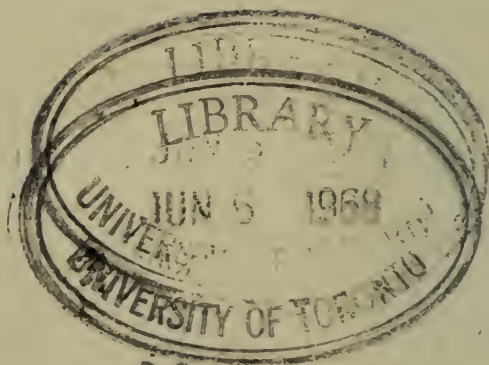
POESIAS

POR

A. DE SERPA.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA REVISTA POPULAR.
1851.

LIVRO PRIMEIRO.

I.

O PAGEM.

É noite. — No somno amigo
Dorm' o antigo
Dorm' o antigo castellão;
Dormem pagens, cavalleiros,
E 'scudeiros,
E 'scudeiros quantos são.

Tem o senhor uma filha,
Que dedilha
Seu bandolim com primor,
Que canta em noite de rosas
Mui saudosas,
Saudosas canções d'amor.

Era noite. — Eis a donzella
Na janella
Veladora appareceu;
Fita os olhos sobre a lua,
Que fluctua,
Que fluctua lá no céu.

Um suspiro deu ao vento,
— Vão lamento,
Que seus labios entre-abriu;
E uma perola de pranto
Sobre o manto
Sobre o manto lhe caíu.

Encostou a mão no rosto,
Que de agosto
Beija o pallido luar;
E da fronte a coma veiu
Sobre o seio,
Sobre o seio balouçar.

Murmura o zephyro brando,
Respirando
De seus labios o ardor,
E vae cantar aos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros só de amor.

Agitar-lhe vem o seio
Vago anceio,
Vago, e morno soluçar;
Qual se agita, junto á plaga,
Meiga vaga,
Meiga vaga lá no mar.

Distrahida a mão de neve,
Roça leve
Nas cordas do bandolim:
Murmura, qual dôce queixa,
Uma endeixa,
Endeixa, que diz assim:

«Quem me dera ser a rosa,
«Que amorosa
«Beijar os zephyros vem,
«Que, á noite, escuta sem medo,
«O segredo,
«Segredo, que as auras em.

«Oh! contae-me esses mysterios,
«Sons aereos,
«Que vindes lá dos rosaes,
«Das auras dôces bafejos,
«Que em desejos,
«Que em desejos me abrasaes.»

Assim cantou a donzella;
Qual estrella,
Uma lagryma de amor
Lhe aponta á face mimosa,
Que da rosa,
Da rosa lhe rouba a côr.

Eis entrou — audaz intento!
No aposento
Da bella um pagem loução;
Ajoelha-se aos pés della,
Qual singela,
Qual singela apparição.

Grito agudo, suffocado,
Sólta irado
O peito da castellã;
«Morrerás, pagem ousado,
«Degollado,
«Degollado és ámanhã.»

Do pagem na face nua
Triste a lua
Projecta magico alvor.
A donzella encara o pagem;
Sua imagem
Imagem só é d'amor.

«Se por vós min'alma é morta,
«Que me importa
«Que o corpo mandeis matar?
«Novo crime quero ainda,
«Se esta linda,
«Se esta linda mão beijar.... »

Com frenetico desejo,
Doce beijo
Na mão bella o pagem deu.
Quiz ella mostrar-se irada,
Mas turbada,
Turbada desfalleceu...

Discreta nuvem distante,
Neste instante,
Esta scena escureceu.
Mas o melhor da passagem
Foi que o pagem,
Foi que o pagem não morreu!

II.

O SULTÃO.

Signor de cento popoli
Di cento belle sposo,
Tutto che il Tauro germina
E accoglie il Caspio ondoso,
Tutto é vassallo a te.

L. Carrer — *Il Sultano.*

Estava o sultão sentado
No seu cochim de brocado,
Na sala d'ouro e setim,
Com seu turbante moirisco,
Turbante d'argenteo disco,
Com seu punhal de marfim.

Ás queixas d'escravos miseros
As hostes vís dos janisaros
Á entrada vedam do harem.
Não entres, que a fronte arriscas
Onde entram só odaliscas,
Eunucos, e mais ninguem.

Eunuco pagem d'Arabia,
Do turco na lingua sabia,
Um hymno cantava assim,
Cantava em seu alaúde,
Aos pés do rei Mhoamhude
Sentado no seu cochim.

«Tu és o sol do deserto,
«Por quem a aurora e eu verto
«O pranto da adoração;
«Tu és o grande dos grandes,
«A luz celeste, que expandes,
«Do céo deslumbra o clarão.

«Tu reinas aonde outr'ora
«A Grecia dominadora
«Altiva a fronte elevou;
«Tens d'Alexandre o imperio
«Que desde o pégo cimerio,
«Até á Arabia chegou.

«Tens as soberbas do Egypto
«Pyramides de granito,
«Os muros tens de Sião,
«O chão de Troia e Palmyra,
«E os areaes de saphyra
«Por onde corre o Jordão.

«Tu és d'aurora o planeta,
«Tu és a luz do propheta,
«O astro de Salomão;
«Tu és o sol do deserto,
«Por quem a aurora e eu verto
«O pranto da adoração.»

O pagem assim cantava;
Do Bósforo a onda brava
N'arêa partir-se vem.
O pagem seu canto finda,
Que chega alli a mais linda
Das odaliscas do harem.

É Sara a israelita
Quem dizem a favorita
Agora ser do sultão;
É Sara de lindo seio,
A mais fermosa que veio
Das doze tribus d'Abrão.

Seu rosto luz, como um astro,
O collo tem de alabastro,
Das tranças é negra a côr;
Seus meigos braços luzentes
São duas magas serpentes,
No collo do grão senhor.

Seus olhos são como a aurora,
Que brilha a um tempo e que chora
Nas folhas que a rosa tem;
D'aurora sómente o pejo
Não tem, que por cada beijo
A louca responde cem.

E em vez dos cantos do pagem,
Que sons de beijos, que a aragem
Trazia junto do harem!
Que sons d'amor murmurava!
Do Bosforo a onda brava
N'arêa partir-se vem.

Sacía torpes desejos,
Ó turço, que d'esses beijos,
Comprados, não quero eu;
Sacía, que eu não trocára
A minha lyra por Sara
Com todo o dominio teu.

Sacía, que a liberdade
Não tróco, por vêr metade
Do mundo beijar-me os pés;
Que eu amo errar pelas plagas,
Ou pelo dorso das vagas
Ser livre, qual tu não és.

Que eu amo a voz do deserto,
As ondas do mar incerto,
Da tempestade o fragor;
Que eu amo as faces de rosa
Da virgem mais amorosa
Tingirem-se de pudor.

Que eu amo, em vez de ternura,
Comprada na bocca impura
De impura, vil cortezã,
Furtar d'amor o segredo
À virgem, que o diz a medo,
Vermelha, como uma romã.

Que eu amo sentir o peito
Bater escravo e sujeito,
Se apérto virginea mão;
Que eu amo o tempo tão curto
De um beijo, colhido a furto
N'uns labios, que castos são.

III.

O REI RODRIGO.

«Guerreiro de cruz pendida,
«Que passas a toda a brida
«No teu veloz palafrem,
«Guerreiro, pára um instante,
«Suspende, não vás ávante,
«Que a morte te espera além.

«Não te vale a cruz dourada,
«Nem a lança, nem a espada,
«Nem duro, rigido arnez,
«Nem teu fogoso ginete,
«Porque além do Guadalete
«O mouro a passagem fez.

«Do arabe o curvo alfange
«Já toda a campina abrange
«Dos mares do mouro áquem.
«Receia o fatal turbante,
«Guerreiro, não vás ávante,
«Que a morte te espera além.

E elle em ondas velozes
Não pára, nem ouve as vozes
Do godo pagem bradar.
O pagem, mudo, já pasma,
E o guerreiro, qual phantasma,
Galopa a bom galopar.

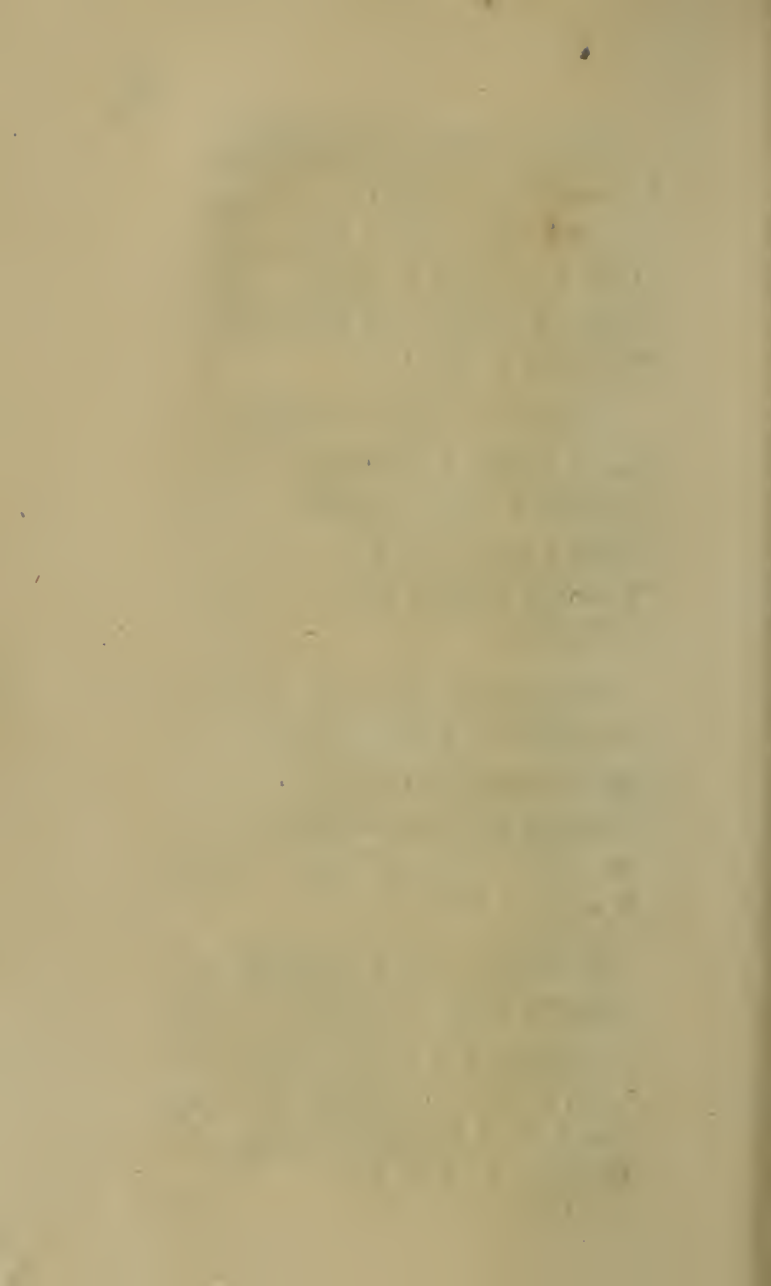
Veloz, qual rei dos combates,
Crava em cheio os acicates,
Nos ilhaes do palafrem;
Arranca-lhe o sangue em fio,
E intenta passar o rio,
O rio passar além.

De pó, de sangue em mortalha
Ficaram lá na batalha
Os godos todos, que o sei.
Quem é esse que ao jazigo
Fugiu da patria? — É Rodrigo
Dos godos ultimo rei.

Perdeu o sceptro n'um dia,
Com o sceptro a monarchia,
Com ella a crença tambem,
Fugiu á morte sem brio,
E intenta passar o rio,
O rio passar além.

Turbido o rio vae tinto
Do sangue do povo, extincto
Em prol da patria e da lei.
É sangue que diz vingança. . .
No meio o corcel já cança,
Já cança o corcel do rei.

Já cança e bebe ás golfadas
Aquellas ondas, banhadas
No sangue, que então correu.
O rei forceja. . . batalha;
Mas cede, e tem por mortalha
O sangue do povo seu.

*

IV.

A VIRGEM CHRISTÃ.

Do feroz mouro, após triumphos tantos,
Os vis alfanges nús
Além resplendem. Derribados santos,
Cahido o bom Jesus,
Templos em ruina, adormecidos cantos,
E além pallida luz . . .
Eis o que resta, — e uma donzella em prantos,
Resando aos pés da cruz.

« Eu sou, donzella, o rei mouro
« De Granada a senhoril,
« Dou por um beijo um thesouro,
« Um throno por beijos mil;
« A quem o amor me despreza,
« Decepo-lhe a fronte vil.
« Mas tu minh'alma tens prêsa,
« Venceste o rei Boaddil,
« E agora dou minha espada,
« E dou Alhambra e Granada
« Por vèr teu rosto gentil.

« Por um só de teus olhares,
(Continúa o mouro rei.)
« Eu dera a terra e os mares
« Sujeitos á minha lei;
« Eu dera por um teu riso
« O sceptro da minha grei,
« Trocára o meu paraiso
« Por ter um sonho que eu sei;
« E se me deras um beijo. . .
« Oh! dize-me o teu desejo,
« Que juro que o cumprirei.

«Donzella, deixa o teu Christo,
«E a tua lei de christã.
«A Hespanha toda conquisto,
«Se a quizeres amanhã.
«Oh! dize dize o que queres,
«Que juro na lei do Islam
«Fazer-te quanto quizeres.
«E por não ser jura van,
«Comigo vem, deshumana,
«Sentar-te, como sultana,
«No meu excelso divan.

«Tu não respondes, virgem? Tu não queres?
«Reinar no meu harem?
«Ter por escravas mais de mil mulheres,
«Escravos mais de cem?

«Pisar diamantes, e cingir ao peito
«Os braços de um sultão?....
«É pouco ainda!.... queres ter sujeito
«O mundo á tua mão?

«Vês este alfange temeroso e fero?
«Teu braço m'o conduz... »
Ao mouro a virgem respondeu: « Só quero
«Morrer aos pés da cruz.»

V.

LUCRECIA PORTUGUEZA.

A lua envia o clarão
Á terra, em sombras envolta,
Pela praia, á redea solta,
Corre o mouro capitão.
Traz captiva linda prêa,
Que segura sobre o arção.
Corre . . . chega, já se apêa;
Saltaram juntos n'area.
—Não queres ser minha?—Não.

— Do teu rei de Portugal,
Por teus olhos, fui-me á lida.
Entrei hoje, a toda a brida,
No lusitano arraial.
De assombro ninguem se esquiva,
Nem resiste á minha mão.
Chego, e faço-te captiva;
Volto sem mais comitiva.
Não queres ser minha? — Não.

— Podia, que és minha prêa,
Conduzir-te ao meu harem,
Quiz antes — a esta arêa,
Dizer, só comigo vem.
Só nós e essa onda brava;
Mais testemunhas não são.
Pois sabes como te amava,
Diz, rainha em vez de escrava,
Não queres ser minha? — Não.

Na patria tenho os altares
Do meu Christo, do meu Deos.
— Aqui mil servos são teus,
Aqui tens terras e mares.

—Um esposo inda conservo.
—Aqui tens a minha mão.
Fui até aqui rei protervo;
Serás rainha e eu servo.
Não queres ser minha?—Não.

—Terás ouro e pedraria,
Sedas, joias, e alcatifas,
Que uma neta de kalifas
Não terá maior valia.
Terás tudo quanto peças,
Serão teus morte e perdão.
Quero—dize, e se o interessas,
Cahirão dez mil cabeças.
Não queres ser minha?—Não.

—Pois então, exclama acceso
O mouro em furia infernal,
Serás minha por teu mal,
Eu cruel por teu despreso.
Não quizeste ser senhora,
Quando escravo aos pés te vim,
Serás minha escrava agora,
Minha serás sem demora.
Não queres ser minha?—Sim.

Espantado fica o mouro
Da resposta, que escutou.
Diz-lhe a christã: — Tua sou,
Só tua, não do teu ouro.
Joias, que me offerecias,
Nada prestam para mim.
Guarda o ouro e as pedrarias.
Que o amor tem mais valias.
— E queres ser minha? — Sim.

Sim, que vejo agora o fogo
Desse amor, com que me escaldas;
Por diadema de esmeraldas
Não amo, nem cedo ao rogo.
Quero amor, que não se apaga,
Como o sinto dentro em mim,
Grande, como aquella vaga...
Subamos por este fraga.
— E queres ser minha? — Sim.

Subiram. — Vista infinita
Do mar lhes fica ante o passo.
Deu-lhe o mouro ardente abraço,
Ella ao mar se precipita.

Cahem. . . giram. . . giram. . . Cava
Sulco ingente o mar sem fim.
Chegam, some-os onda brava,
Quando inda a voz lhes bradava :
E queres ser minha? — Sim.

O mar é grande, qual mundo,
Mas sepultado em seu fundo
Tal caso não morrerá.
Desta Lucrecia famada,
Dona Ximena chamada,
A memoria ficará.
É bom que fique em memoria,
Que a nossa presente historia
Taes casos não conta já.

VI.

O CANTO DO CRUSADO.

Sou guerreiro da crusada,
Tenho lança, tenho espada,
Tenho esporas e broquel,
Tenho cota e capacete;
Montado no meu ginete,
Vou-me a vêr esse infiel.

Tenho torres e castellos,
Vassallos e pagens bellos,
Nas terras do meu paiz ;
Tenho joias, tenho ouro ;
Mas de batalhar c'o mouro
Aos sanctos promessa fiz.

Prometti á minha dama
Da raça vil da mourama
Trezentas frontes cortar ;
E ella, isenta e arisca,
Por cada fronte moirisca
Prometteu-me um beijo dar.

Corre, meu corcel ligeiro,
E tu, meu nobre escudeiro,
Sobraça o meu bandolim,
Que em prol de tão linda paga
Vou crusar a minha adaga
Co'alfange de Saladim.

Adeus, torneios e justas
Lá nas muralhas vetustas
Do castello de meus pais.
Para vir com minha lança,
Empenhei ao rei de França
Os meus direitos feudaes.

Chegou a desgraça ao cumulo,
Que o infiel guarda o tumulo
De Christo em Jerusalem.
Mas á voz de Pedro Hermita
O mundo todo se agita,
O mundo todo aqui vem.

Guerra aos filhos de Mafoma,
Que a préga o papa de Roma,
Guerra, guerra sem perdão.
Para nós todo o seu ouro,
Suas joias, e o thesouro
Do lenho da redempção.

Havemos de resgata-lo. . .
Corre, ávante meu cavallo,
Que hoje has de ter tracto bom,
Que ao reflexo do céo rubro
No seu campo já descubro
Godofredo de Bouillon.

Vejo ao longe, qual sudario,
Alvo o manto do templario,
Que sustem vermelha cruz;
Vejo mil diversas tendas,
De mil hostes estupendas
Vejo o aço, que reluz.

Vejo os elmos do germano,
Do francez e do britano,
Bourgonhão e provençal:
Vejo aqui todo o occidente
Transbordar, como a torrente
Nos confins deste areal.

Desses mares na grandeza
Mil galeras de Veneza
Se encaminham para aqui.
Cada nau lança apressada
Cem guerreiros da crusada
Nestas praias do rubi.

Não vou vêr, em doces prados,
Os castellos encantados
De formosa castellã,
Nem as torres com ameias,
De seteiras todas cheias,
Até junto á barbacã.

Vejo só varseas inteiras
D'areal e de palmeiras,
Sem albergue nem solar.
Vejo ao longe o sarraceno,
Maldizendo o nazareno,
Redea solta, a galopar.

Traz de purpura um turbante,
Onde um rubido diamante
Como os olhos lhe reluz. . .
Nos confins deste deserto,
Vão a vèr-se em campo aberto
O crescente mais a cruz.

Treme, treme ó Palestina. . .
Meu corcel sacode a crina,
Que já estamos no arraial.
— Quem vem lá? Uma voz brada:
— Sou guerreiro da crusada,
Cavalleiro provençal.

*

VII.

UM CANTO MARITIMO DO SECULO XVI.

> Nossa estrella era então resplendente,
> Nosso nome era um som de terror.
> *A. Herculano — Perda de Arzila.*

Não me aterram teus lamentos,
Vento em furia, rijo mar;
Mugi ondas, bramae ventos,
Não cesseis de rebramar.
Deste barco no convez
Canto ao mar meus pensamentos,
Que não teme o mar e os ventos
Marinheiro portuguez.

Eu sou filho do occidente,
D'essas praias do europeo,
Onde nasce aquella gente,
De que o mar sempre tremeu.
Minha patria é Portugal,
De dominios nunca findo,
Treme o Ganges, treme o Indo,
Só de o nome ouvir-lhe mal.

Sou da terra desse Gama,
Que foi, mar, já teu senhor,
De que o mundo adora a fama,
Que venceu Adamastor.
Vem meu canto acompanhar,
Vaga irosa, com teus ventos,
Que eu não temo os teus lamentos,
Vento em furia, rijo mar.

Sem receio te desata,
Meu pendão, sob este ceo,
Que não ha rei nem pirata,
Que dispute o mando teu.
Quando solto és ao tufão,
Ó fanal da gloria lusa,
Atrevido o mar não crusa
Outro lenho, outro pendão.

Vae ao turco pergunta-lo
Nos confins do roxo mar,
Onde o rei mata o vassalo,
Que se deixa derrotar. (*)
Onde lenho ou frota vês
Contra nós, que não succumba?
Que não vá talhar-lhe a tumba
O montante portuguez?

Sopra, sopra, rijo vento,
Que me apraz o teu soprar;
Vae, conduz meu pensamento
Pelos plainos d'esse mar.
E tu, onda, geme em vão
Sob o peso, que te esmaga:
Sopre o vento, gema a vaga
Em redor do galião.

Que aqui vão, junto das quinas
Do pendão de Portugal,
Os rubis, as pedras finas,
D'essa plaga oriental;

(*) Solimão mandou cortar a cabeça a um capitão turco, que se deixou vencer pelos portuguezes.

As saphiras de Ceilão,
Os diamantes, e o aljofar,
Do paiz de Coge-Çofar,
De Badur e Rumecão.

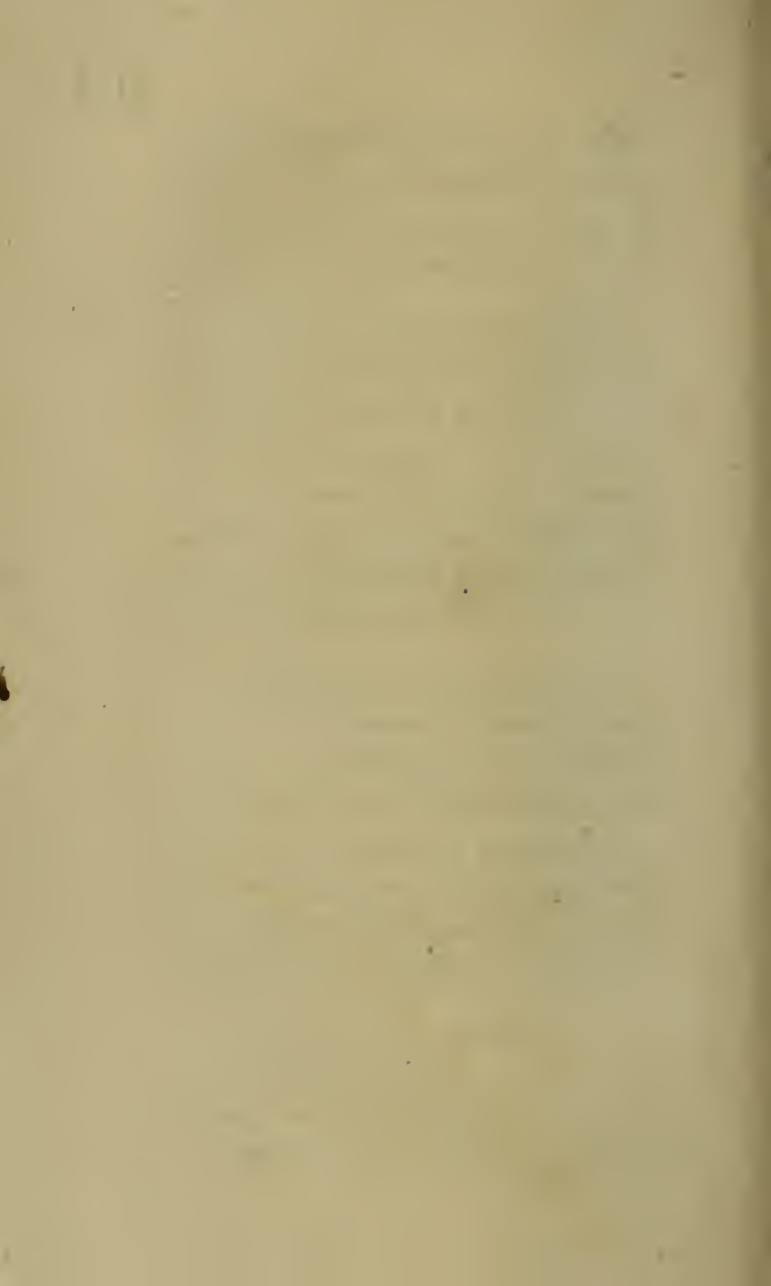
Quem me déra vêr as filhas
Do paiz, em que eu nasci,
E contar-lhe as maravilhas,
Os portentos que lá vi,
Nesses climas tão gentís,
Onde é tão vermelha a aurora,
Onde o pranto que ella chora
São saphiras e rubis.

Onde abril é permanente,
Nem a côr murcha ás cecens,
Onde as palmas do oriente
C'roam nossos capitães.
Onde o sol tem mais ardor,
Teem os astros maior brilho,
Onde a mãe ensina ao filho
Nossos feitos e valor.

Lá se estendem os desertos,
Onde reina o canarim,
De seu sangue hoje cobertos
Té os muros de Cochim;

Onde o persa lá de Ormuz,
Onde o indio de Cambaia
Quebra em vão sua azagaia
Contra as quinas, contra a cruz.

Onde o indio, sobre alfombra
De jasmins, dorme ao luar,
E de Castro vê a sombra
No seu pávido sonhar,
Onde só se ouve o clamor,
Que apregôa nossas glorias,
Onde vivem as memorias,
De Albuquerque o vencedor.

Adeos, bosques de palmeiras,
Adeos, terras do marfi,
Adeos, doces balhadeiras,
Por quem d'amores morri.
— Sópra, sópra vendaval,
Não me atterram teus lamentos,
Que eu nas azas destes ventos
Voltarei a Portugal.

VIII.

O CANTO DO NAUTA.

Padece o homem na terra,
Na terra chora com dor;
O nauta suspira e canta,
Das vagas sulcando a flor!

«Donzella dos lindos olhos,
Flor das areas do mar,
É pura, qual tu és pura,
A fé que te hei de guardar.

Vagando sobre estas ondas,
A minha sina é ditosa;
Vem ser minha companheira
Na vaga tempestuosa.

A barca sôlta ao mar largo,
Aos ventos deixada a véla,
Livres, ambos no universo,
Vem aos meus braços, donzella.

Seja o batel entre as ondas
Nosso leito conjugal,
Ardente facho das bôdas
A luz do céo matinal.

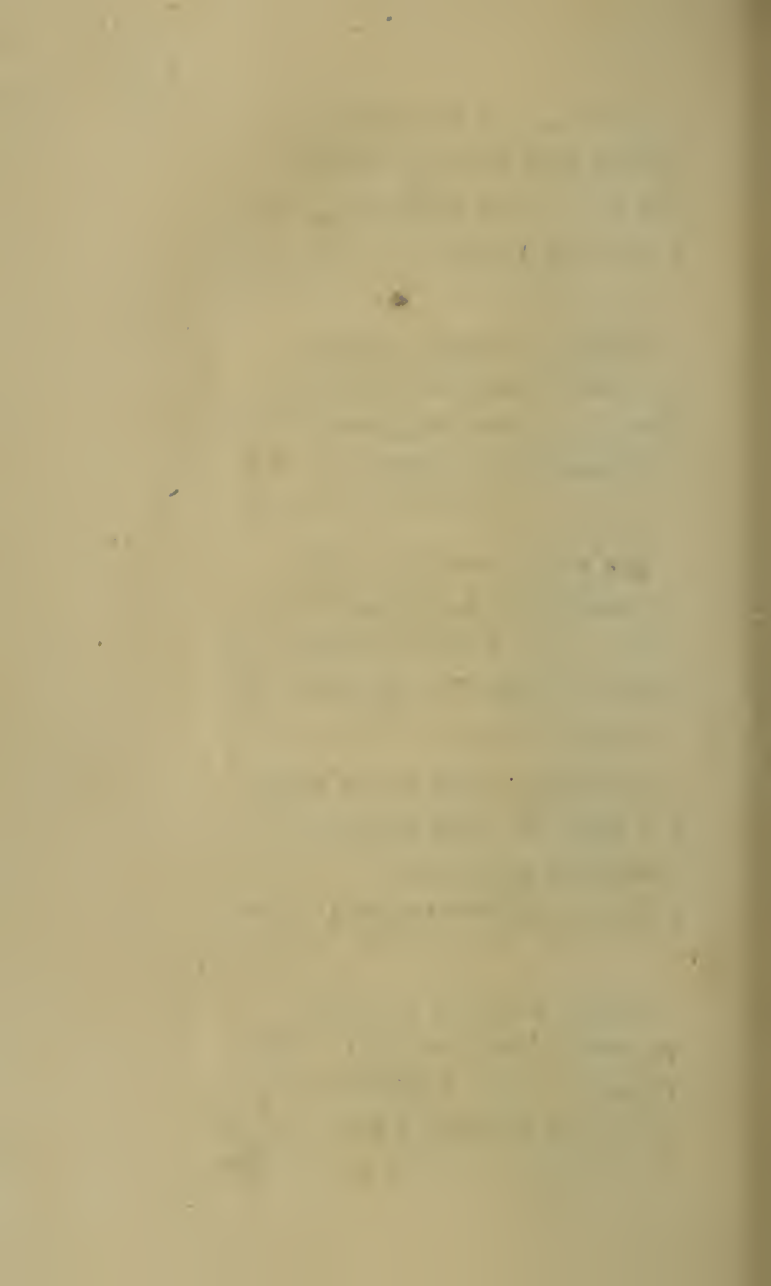
Qual sorri o mar, se o lenho
Leve sulco lá lhe estampa,
Sorrindo nos passe a vida,
Sorrindo do berço á campa.

Corrâmos por esse mundo,
Onde o meu barco só tenho,
Nos braços teus embalado,
Qual entre as vagas o lenho.

Fujâmos, virgem, fujamos,
Os sons da mundana tuba,
Sósinhos, livres sulquemos,
Dos mares a altiva juba.

Em pé no dorso das aguas,
Fujâmos n'asa dos ventos,
Toma a lyra, solta ao longe,
Solta aos echos teus accentos.

Meu peito unido ao teu peito,
Por sobre as ondas do mar,
Embalarás minha vida
Com teu mavioso cantar.»

Padece o homem na terra,
Na terra chora com dôr;
O nauta suspira e canta,
Das vagas sulcando a flôr.

IX.

O CANTO DO PIRATA.

É noite, e as ondas vem bater na costa,
Que irada ruge com fragor violento,
No ceo as nuvens arremeça o vento,
Da incerta 'spuma se devisa a côr.
No mar sombrio lá voltêa ao longe
Baixel veleiro, que nas ondas vôa;
O norte agudo, que lhe açoita a prôa,
Os sons de um canto vem aqui depôr.

— Marinheiro, volve o leme,
A vela desfralda ao vento,
Que ao longe sinto o lamento
Das costas a murmurar.
Ao largo. — Deixa essa fraga,
Que ruge, qual onça fera;
Corre assim, minha galera,
Vai sulcando a flôr do mar.

Não ha baixel tão veleiro,
Nem tão ligeira fragata,
Como a galé do pirata
Sobre este pego de azul;
Que embora a negra tormenta
No solto mar sobrenade,
Eu zombo da tempestade,
Eu corro do norte ao sul.

Eu sou aqui rei, que manda
Nas ondas deste oceano,
Eu sou aqui soberano,
Eu dou aqui minha lei.
Eu zombo dos ventos fortes,
Eu zombo das crespas vagas,
Que além se partem nas plagas;
Onde eu nem quero ser rei.

Não quero... que os reis da terra,
Em vez de reis, são escravos.
Na furia dos ventos bravos
Só quero dominio ter.
Nas ondas quero embalar-me,
Ser livre, vogar errante,
Surrir á vaga inconstante
Entre anhelos de prazer.

Captivos lá n'um palacio,
Entre cuidados e sustos,
Os Cezares, os Augustos,
No nome só foram reis.
Ignobil mão d'um escravo
Seu sceptro vão lhe arrebata;
Mas o sceptro do pirata
Vinde roubar, se podeis

No mundo só eu sou livre,
Como é livre o pensamento:
Nas azas corro do vento,
E sob os astros do céu.
Ninguem disputa o meu sceptro,
Mais rico que o d'um monarcha.
Por throno tenho esta barca,
Tudo quanto avisto é meu.

As riquezas dos imperios,
As sedas, a prata, o ouro,
E as esmeraldas do mouro,
Tudo passa por aqui.
Tributo pagam primeiro
Ao meu imperio famoso,
De que vão servir de goso
Ás nações que ha por ahi.

Nas margens mais affamadas
Da Europa busco as donzellas,
As mais mimosas, mais bellas,
Que o turco serralho tem.
A mim seus mimos primeiros,
Seus primeiros doces beijos,
Antes de irem os desejos
Fartar ao mouro no harem.

Se ruge o tufão violento,
Eu surjo em pé lá na prôa,
Que em serras de mar se escôa;
Das nuvens consulto o véo.
Á noite, se o vento amaina,
E sopra só meiga brisa,
Doce o barco se deslisa,
E eu conto os astros do céu.

A vaga vem no costado
Bater, qual languido beijo.
Range o lenho, qual de pejo
A virgem doce gemeu,
A captiva do pirata,
Que a vez primeira em meus braços,
Vogando nestes espaços,
D'amor o nectar bebeu.

Como lhe arfa o lindo seio,
Sossobrado pelo goso,
Tu arfas, baixel formoso,
Incerto, sem rumo e lei.
E quando vier a morte,
Em vez de campa mesquinha,
Terei por mortalha minha
As vagas que eu tanto amei.

X.

A GREGA.

«Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus.
«Je veux de la poudre et des balles,

V. Hugo — Orient.

É noite ardente, sem lua,
De mil estrellas fluctua
A luz na abobada azul.
O mar reflecte as estrellas,

Reflecte as luzes mais bellas,
Das janellas de Stambul,
Que desprendem c'os fulgores
Lascivas queixas de amores
Á brisa quente do sul.

Stambul, cidade descrente,
Mimosa flôr do Oriente,
Que formosura que tem!
Côr de purpura, dourada,
De brilho á noite cercada...
Mas que luz fulgura além?...
Luz brilhante de mil lumes
Entre nuvens de perfumes
Denuncía o rico harem.

E que lumes, e que aromas!
Jarras d'ouro e mil redomas,
Cheiros de ambar e jasmins!
Marmoreas fontes, repuxos!
Pendentes por entre os buxos
Mil luzes pelos jardins,
Que entre vidros de mil côres
Derramam doces fulgores
Em cem dourados cochins!

Sobre molles ottomanas
Odaliscas e sultanas
Se reclinam com afan.
Estas riem, canta aquella,
Da Georgia a filha bella
Cerra os labios de roman.
Brincando por entre as rosas,
Passeiam mouras formosas,
E turcas filhas do Islan.

A judia, por altiva,
Se recosta pensativa
Junto á fonte de crystal.
A linda flôr da Navarra
Descanta ao som da guitarra
Uma moda oriental.
Tendo aos pés egypcia bella,
O sultão junto á janella
Olha a noite sem rival.

Tem a fronte pensativa,
Porque espera uma captiva,
Que d'outras terras lhe vem.
A captiva espera ancioso,

Porque tem sêde de um goso
Diverso dos que já tem ;
Que de gosar se enfastia,
Quando não vê, cada dia,
Mais uma rosa no harem.

Um barco lá vem remando,
Das auras ao sôpro brando,
Sulcando o liquido chão.
Dos remos o fraco estrondo
Mais perto vem, sottopondo
Das vagas murmurio vão.
Na proa traz branco vulto.
— O fogo d'alma em tumulto
Nos olhos luz do sultão.

Ancioso, em sobresalto,
Abrir manda lá do alto
Das grades rijo portal.
As portas ranjem nos quicios.
Entrou a estancia dos vicios
A prêsa. . . Em hora fatal !
Quem lá entra mais não volta.
A captiva um grito solta. . .
Gritos, preces, nada val'.

Os paços teem uma sala,
Onde entre aromas e galla
Se perde accôrdo e razão;
Onde os muros de esmeralda
Reflectem a luz que escalda
Té dentro do coração;
Onde o cheiro é puro nardo,
E pelles de leopardo
As alcatifas do chão.

Alli o sultão recebe
Dos labios de cada Hebe
O doce nectar de amor;
Apaga a furia devassa
Dos labios na pura taça
De tanta roubada flòr.
Alli a captiva entrára.
—Suspira a sultana Zara
Com zelos do seu senhor.

A captiva os olhos fita
N'aquella galla infinita;
Mas não a cega o clarão.
Mais cego o turco ficára

De vêr-lhe a fórma tão rara,
De vêr-lhe a meiga expressão,
De vêr-lhe a face tão bella;
E diz, curvado aos pés della,
Estas fallas, que aqui vão:

— Nasci nas rubidas praias
Deste imperio do oriente
Colossal,
Cercado d'ouro e de alfaias,
D'aureo berço resplendente
Flôr real.

Sobre este mar do levante
Só eu domino e impero;
Sou sultão.
Tenho um sceptro de diamante;
Mas não é isso o que eu quero,
Oh! que não.

Sou filho da brisa ardente,
Que nestas terras inspira
Só amor.

Amor só tenho na mente;
Mas gemo só, como a lyra
Sem cantor.

Das praias de infindos mares
Tenho as mais formosas prêas
Neste harem.
Dão-me culto, erguem-me altares;
Mas teem dentro as almas cheias
De desdem.

Disputam vinte sultanas,
Por ter o grão de rainhas,
Meu favor;
Não desprendem das pestanas
Chammas d'alma, como as minhas
Por amor.

Dos astros ao lume vivo
Peço amor, á quente aragem,
Peço ao mar.
Teus olhos vi, sou captivo,
Encontrei na terra a imagem
Para amar.

Serás rainha d'esta alma.
Eu servo teu. Dá-me a palma
Do teu amor virginal.
Serás o sol do crescente,
Serás a flôr do oriente,
A huri angelical;
Dos reinos onde eu impero
Serás rainha. — Não quero,
Ou quero só teu punhal.

Nasci na Grecia captiva;
Tinha posto a esperança
Só em Deus.
Sou filha de raça argiva,
Que fez jura de vingança
Sobre os teus.

Roubada ao berço paterno
Fui, para ser serva impura
De um sultão;
Mas ao juramento eterno
Accrescentam nova jura
Pai e irmão.

Ás armas, retumba o grito
Na velha Grecia de Homero
E Solon;

E teu poder infinito
Tombará ao impulso fero
D'este som.

Da infancia na tenra idade,
Com a benção do pai terno,
Ó sultão,
Ouvi dizer liberdade;
E jurei-te um odio eterno
Desde então.

A filhos da Grecia altiva
Não lhes coube por herança
Servos ser.
Da velha raça captiva
Hão de cumprir a vingança,
Ou morrer.

Meus irmãos lá nas areias
Da Jonia tem levantado
Seu pendão.
Corra o sangue d'estas veias,
Porque este sangue vingado
Deixarão.

Calou-se, e no peito,
Sem prantos, direito
Cravára o punhal.
O sangue purpureo
Lhe cae sem murmurio
Do golpe mortal.

O sangue lhe escreve
No seio de neve
Cruento padrão.
Um rio de sangue!
Vacilla de exanguo,
Baqueia no chão.

A morte lhe imprime
No rosto sublime
Seu triste pallor:
De balde com beijos
O turco em desejos
Lhe quer dar calor.

Ás horas já mortas,
Do harem junto ás portas,
Que deitam no mar,
Um ser duvidoso
No mar perguiçoso
Se via a boiar.

E Zara, sem prantos,
Soltava seus cantos
Á brisa do sul.
E toda abandono,
Nos braços do somno
Dormia Stambul.

XI.

AB-DEL-CADER.

« Destas brisas europeas
« Não me apraz o murmurar,
« Que eu sou filho das areias,
« Das areias de além mar :
« Mais amo de luz cobertos
« Ver correr, correr, incertos,
« Os ventos pelos desertos
« Do meu extenso Aduar.

« Como é pallida esta lua !
« Este sol quão frouxo vem !
« A brisa que aqui fluctua
« Que sopro gelido tem !
« Como a noite aqui é grande !
« Nem do céu a luz se expande...
« Não ha um Deus, que aqui mande,
« Como manda um Deus além !

« Além, além, nos paizes,
« Que illumina ardente céu,
« Onde os homens são felizes,
« Onde a vida não tem véu ;
« Onde a brisa do oriente
« Leva o arabe contente
« Emballado docemente
« Desde o berço ao mausoléu.

« Como é triste ser captivo
« Nestas zonas sepulchraes !
« Ó brilho do sol estivo,
« De meus gentis areaes !
« Debalde prantos eu verto
« Pelo meu berço encoberto !
« Ó palmas do meu deserto,
« Não hei de eu ver-vos jámais ?

«Quem me dera a liberdade
«Nessa terra onde eu nasci!...
«Na minha terra, que invade
«O inimigo de Ali!
«Respirar independente
«Do deserto a brisa ardente,
«Que é p'ra o arabe valente,
«Como o beijo de uma Uri!

«Quem me dera essa batalha
«Tão sanguenta, tão feroz,
«Em que, involto na mortalha,
«Na mortalha do albornoz,
«Cahe o arabe e — vingança
«Contra os barbaros da França —
«Só deixa por sacra herança,
«Por herdeiros todos nós!

«Cruze o alfange com a espada,
«Troe o som do arcabuz.
«O Berbér tem mão pesada,
«E o corcel veloz conduz:
«Vencedor, é tigre amargo,
«Vencido, não tem embargo,
«Que o deserto é muito largo,
«Onde o sol envia a luz.

«Quando a areia ainda era involta
«Nos orvalhos da manhan,
«Eu corria á redea solta
«Pelos plainos dessa Oran:
«Eia! alerta! em dois instantes
«Ó minhas tribus errantes!
«Cingi os vossos turbantes,
«Affiae vosso yathagan. . .

«Mas em vão sonha o proscripto
«A razão bradar-lhe vem:
«Pelo propheta maldito
«Foi o arabe de além.
«De Allah cumpra-se a vontade;
«Resistir ao céu quem ha de?
«Morrerei sem liberdade,
«Qual sem sol murcha a cecem.»

Assim deplora, na soberba França,
Passadas glorias o Emir de Oran,
Vergontea murcha de florida esp'rança
Da raça errante dos fieis do Islam.

Já dos desertos nos sulcados trilhos
Veloz não passa o fero lidador,
Lá onde os crentes contarão aos filhos
Prodigios altos do seu grão valor.

Raça de heroes como o *simaum* do Sahara,
Bradando — Allah! de Mahomed á voz,
Correndo em furia, o mundo lhe ficára
Quasi sujeito ao yathagan feroz.

Hoje é captivo, e o seu destino incerto
Deplora ao longe o q'rido do berbêr.
O ultimo monarcha do deserto
Na tumba dormirá de Abd-El-Kader.

XII.

GAIO GRACCO.

Que estrondo sentido e vago
Se escuta no vasto mar,
Em torno á náu de Carthago,
Que Roma vem demandar?
Carthago caíu por terra.
Que fados são os que encerra
O lenho que de lá vem?
Que brados soltam os ventos?
Que dizem esses lamentos,
Que as vagas, mugindo, teem?

Carthago, sim, sottopondo,
Romano, venceste alfim;
Não é da guerra o estrondo
Que a vaga murmura assim.
É som profundo e presago,
Que em torno á náu de Carthago
Os ventos mugindo vão.
O céu é negro e opaco,
Que vem alli Caio Gracco,
O neto de Scipião.

Diz, tribuno, que meditas
Nesse arrobado painel,
Entre as ondas infinitas,
Á prôa desse baixel?
Recordas a cara esposa?
Pedes á vaga saudosa
Eccos da patria gentil?
Não, não, ó Gracco, ó gigante,
Teu peito não bate amante,
Não é teu sonho infantil,

Saudade, amor, esperança,
Não movem teu coração,
Que as cinzas clamam vingança,
As cinzas de teu irmão.
No meio da tempestade

Só pensas na liberdade,
Só pensas no patrio amor.
Um riso ao labio te assoma,
Que além se divisa Roma. . .
Ó Roma, eis teu defensor.

Cornelia, ahi tens o teu filho,
Que herdou teu genio e valor;
Na fronte reluz-lhe o brilho,
O brilho do patrio amor.
Lá vem nas azas do vento
Soltar o seu pensamento
Em Roma ainda uma vez.
Ei-lo . . . Chega. . . e Roma, absorta,
Da velha Roma já morta
Julga ouvir a impavidez.

De entre o civil pugilato
Que voz estranha bradou?
Da campa de Cincinato
Foi grito vão que acordou?
Ou foi de Romulo o brado
Troando contra o senado?
Ou foi dos deuses a voz?
— É Caio Gracco, Romanos,
Que jura guerra aos tyrannos,
Ás cinzas de seus avós.

E surgiu, como um athleta.
Do fóro calcando o pó,
Terrivel como a trombeta
Nos muros de Jericó.
Do povo accende os furores,
E as iras dos senadores,
Bradando, provoca. . . Em vão,
Que manda o Deos da verdade
Que pereça a liberdade
Na patria de Scipião.

E foi a vez derradeira,
Que a velha Roma escutou
A voz tremenda, agoureira,
Que em liberdade fallou.
Foi do senado a victoria
Qual brilho de falsa gloria,
Que a patria lançou no pó;
Que, aonde acaba a virtude,
Surge á patria um ataúde,
É a gloria um nome só.

Virtudes de esforço antigo,
Virtudes de patrio amor,
Vão acabar-se comtigo,
Ó Gracco, ás mãos do lictor.
Do lictor. . . Ó Roma, ó furia!

Poupou-te Gracco essa injuria,
Tão negro perante o céu ;
A mancha de parricida
Poupou-t'a, que deixa a vida
C'o ierro que a mãe lhe deu.

Esse dom, que o filho acceita,
De amor da patria provem,
E Roma, escrava e sugeita,
Venera o filho e a mãe.
Venera-os nas cinzas frias
E foi de Nero nos dias
Vingança ás cinzas clamar,
E inda o pobre, inda o fraco
Ás cinzas de Caio Gracco
Vingança vai demandar.

XIII.

PUDOR E COMPAIXÃO.

— Virgem bella,
Das-me um beijo?
Meu desejo
Finda aqui.
Dou em troca
Minha vida,
Se pedida
For por ti.

— Porque pedes
Cousas dessas?
Não esqueças
O que sou.
Pede tudo,
Mas um beijo...
Tenho pejo,
Não t'o dou.

Novos rogos
Eu não cesso.
Em vão peço,
Rogo em vão!
Ajoelho-me
Aos pés della,
Com singella
Devoção.

Ri-se, córa;
Mas resiste.
Já mais triste
Perde a côr.
Já meus rogos
Não impede;
Mas não cede
Seu pudor.

—

Mais não insto,
Despeitado ;
A seu lado
Me assentei.
E nos labios
Um gemido
Comprimido
Lhe escutei.

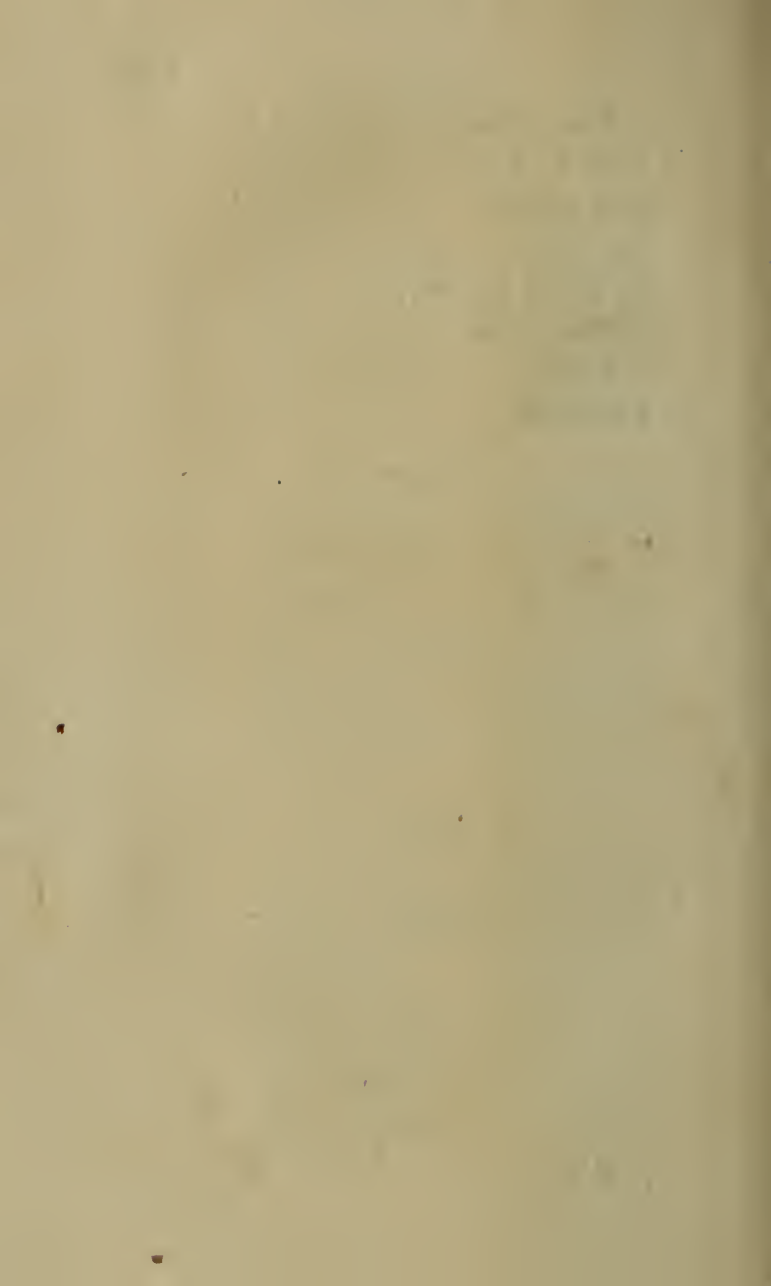
Rijo o peito
Me batia,
Mais crescia
Meu ardor.
Eis que o pranto
Me rebenta,
Corre e alenta
Minha dôr.

Ella ouviu-me,
Que chorava :
Contemplava,
Triste, o chão.
E os olhos,
Que occultava,
Em mim crava
Com paixão.

Sua dextra,
Tão formosa,
Melindrosa,
Como a flôr,
Unc á minha,
Que procura,
Com ternura,
Com amor

Pára um pouco.
Porém logo
Volve o fogo
Seductor.
Em meus labios,
Toda pejo,
Doce beijo
Vem depôr.

Em vão foge
Doces laços;
Já meus braços
A sustem.
Já sou ricco
D'almo goso,
Mais ditoso
Que ninguem.

Deos eterno,
Tudo ha feito
Bem perfeito
Tua mão,
Tu que á virgem,
Senhor, deste
A celeste
Compaixão.

XIV.

A NOITE DE ANNO NOVO.

—

(Visão.)

Um anno mais no turbilhão das éras
Passou, qual brilho de veloz clarão,
Murchou esperanças, apagou chimeras,
E na terra imprimiu seu rasto vão.

*

Na velha torre d'alto campanario
Ha de em breve escutar-se a meia-noite.
Durmamos pois, em quanto solitario
Na serra o vento aos pinheiraes açoite.

Durmamos, sim. Que um anno mais comece,
Que um anno finde, ao coração que importa,
Quando nos labios já seccou a prece,
Quando no peito a esperança é morta?

Durmamos, sim; que é o dormir mortalha,
Que resguarda o cadaver de um defunto:
Dormindo em paz, a vida não batalha,
E o lume repoisa ás cinzas junto.

Trema o malvado, que no somno afflicto
A consciencia lhe é tocha veladora;
Ao triste o somno é uma paz sem grito,
Na ingrata senda é repousar um'hora.

Tambem ás vezes desperta
Meu dormir um sonho vão;
Mas brilha e logo deserta,
Mas passa, qual luz incerta,
Qual phantastica visão.

E meia noute deu no campanario.
E o sonho veiu, qual nubloso véu.
E da vida deixando o vil sudario,
Julguei os cantos escutar do céu.

Qual leve incenso, aerio, aos céus ergui-me,
Em pelagos pairei de luz divinos:
Vi os astros girando... Era sublime!
E aberto estava o livro dos destinos.

Co'a penna em punho, o archanjo houvera escripto
Na aberta folha a derradeira frase...
Eis-que a hora troou pelo infinito;
A pagina girou na extensa base.

Girou... sumiu-se... O verbo do futuro
Dos labios do Senhor fica suspenso;
Espera o tempo, e soa um canto puro
D'anjos e cherubins no espaço immenso.

O Anjo dos Tempos.

Retumba fatal pancada
Pelos espaços divinos:
No relogio dos destinos
Deu mais uma badalada.

Os annos a Deos são nada,
Que Deus os conta aos milhões;
Mas nós medimos os annos,
Para marcar aos humanos
A senda das gerações.

Por essa campina immensa,
Que immensos sóes allumiam,
Aos échos échos enviam
A sempiterna sentença.
Um anno dos que viviam
Sumio-se para não mais.
Da balança eterna e cheia
Retirou-se um grão de areia
Sem deixar outros signaes.

Côro dos Anjos.

Hosana! dos orbes potente monarcha,
Em quem não existe passado e porvir.
Aos annos a senda teu dedo lhes marca;
Mas passam infindos sem tu os sentir.

O Anjo da Terra.

Fez o sol completo o giro.
Da terra a Deos um suspiro

Levo em cada raio seu,
Levo a Deos, porque o acolha,
Um suspiro em cada folha,
Em cada flôr que nasceu;
Um suspiro em cada planta,
Em cada voz que alli canta,
Em cada nuvem do céu.

Cada ser d'aquelle mundo
Tem um cantico profundo,
Em que um mysterio se vê.
Um eterno pensamento
Surge em cada monùmento
Que alli se eleva de pé.
Uma ideia surge, medra,
Uma ideia em cada pedra,
Que em cada pedra se lê.

Canto, ideia e pensamento
No soprar do irado vento,
Sobre a arêa, o bronze, o pó,
Sobre a relva, e sobre as flôres,
São sempiternos louvores
D'esse Deos, que é grande e só,

Do Deos de potente braço,
Que gera os mundos no espaço,
Que os anniquila sem dó.

De ti, meu Deos, cujo nome
Canta o sol, quando se some
Nas ondas do salso mar;
Que a brisa diz sobre o monte,
Nos seus murmurios a fonte,
As aves no seu cantar,
A nuvem que a lua esconde;
Que a vaga á vaga responde
Nas praias a murmurar.

Di-lo o poeta em seus hymnos,
Cantando cantos divinos,
Cantando aerias canções;
Di-lo o tribuno na praça,
Quando sobre a terra passa
O mar das revoluções;
E nas plagas musulmanas
Di-lo o rei das caravanas
Percorrendo as solidões.

Di-lo o rei, e di-lo o povo.
Di-lo o piloto de novo
Ao sôpro da viração;
Di-lo a mãe junto do berço,
E repete-o o perverso
Na hora da punição.
Di-lo o rico, di-lo o pobre,
Di-lo tudo quanto cobre
Dos astros a vastidão.

No continuo, immenso giro
Da terra, vem n'um suspiro
Conglobadas mil canções,
Mil louvores ao monarcha,
Que o trilho certo lhe marca
Nas eternas vastidões.
Pelo trilho a terra gira,
E eternamente suspira:
Gloria ao Rei das Gerações.

Côro dos Anjos.

Hosana! dos mundos ao Deos sacro-santo,
Que é fonte da vida, que é fonte d'amor;
Que os mundos e os astros são joias do manto
Do Rei do Universo, do Deus Creador.

O Anjo da Morte.

Senhor dos orbes, attenta
Na minha fouce sanguenta,
Que de victimas sedenta,
Aos pés te venho depôr.
Através passei do mundo,
Como um raio furibundo,
Dos cemiterios no fundo
Cantando a voz do Senhor.

Se a terra em sombras estava,
Dormia tudo, e velava
Minha voz sombria e cava
Com seu funereo pregão.
E a caminhar noite e dia,
Deixando sulcada a via
De mortos, eu prosseguia,
Cumprindo a fatal missão.

Pelas festas, pelas danças
Quando sacudia as tranças,
Murchava mil esperanças,
Trocava os risos na dôr.

Que vezes, nas horas mortas,
Por entre as gentes absortas,
Do pobre e do rico ás portas
Bati, bati com fragor!

Ás vezes ía-me ao throno,
E a fronte do regiodono
Lançava no eterno somno,
D'onde não volta ninguem.
Outras vezes mais ferino,
Cantando sempre o meu hymno,
Ía arrancar o menino
Dos braços da terna mãe.

E todos param, se eu passo;
Dos fortes fraqueia o braço;
Nas orgias o devasso,
Se me encara, estremeceu;
E a pobre mãe sem confôrto
Diz ao pae, callado, absorto:
A estancia do filho morto
Será a estancia do céu?

Os Anjos da Guarda.

Senhor Deus, dái-lhes guarida,
Senhor Deus, dái-lhes perdão.
Soffreram, que humanos são;
Agora no fim da vida
São qual vergontea partida
Nos dedos da tua mão.

Soltaram, nescios, o grito
De blasphemia ao Creador:
Mas, tristes, de pranto e dôr,
Beberam calix maldito.
Tu és, ó Deus, infinito,
Perdôa-lhes, ó Senhor.

Errantes nautas vogaram
Distantes do patrio céu:
Dormiram sobre o escarceu,
Soffreram, riram, amaram;
Teu nome um dia invocaram;
Recebe-os no seio teu.

E a voz de Deus romorejou no espaço,
Os céus tremeram. . . e mais nada vi.
Julguei ser livre, já os soes abraço. . .
Era um sonho . . e á vida renasci.

Os sonhos passam... Tambem passa a vida;
Após um anno, um anno volverá
Do livro eterno á folha percorrida
Segue outra folha; a minha chegará.

Em quanto dura esta existencia afflicta
De riso e dôr, de embriaguez sem lei,
Enxugue uma hora de visão bemdita
Dias de prantos, porque eu já passei.

XV.

VOSES DA NATUREZA.

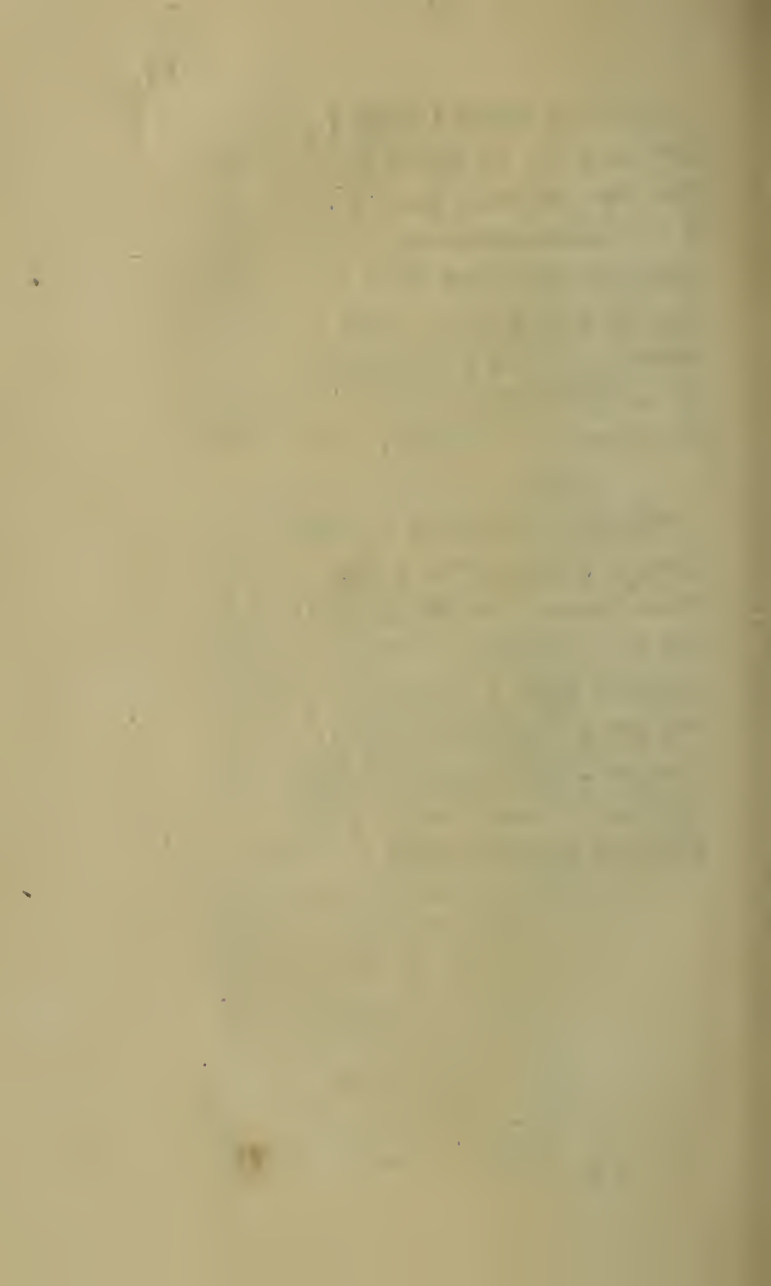
Que diz o sol, quando gyra,
Com seu immenso fulgor?
O que diz na eterna lyra,
Que diz, quando á tarde expira
Do mar na rubida côr?
Que diz aos montes, ao prado,
Quando nasce, e mal que é nado
Rasga o manto purpurado,
E nos campos beija a flôr?

Que diz a pallida lua,
Pelos espaços do céu?
Que diz, se a face tem núa,
Ou se envolve a fronte sua
Das nuvens no denso véu?
Que diz ás vagas, a medo?
Que diz ella ao arvoredo?
Que diz, contando um segredo
Ás cruses do mausoleu?

Que diz na ingente cratera,
Bramindo irado, o vulcão?
Que disse lá n'outra era,
Quando a Pompea fisera
Do pó e cinza um montão?
Outr'ora, então que dizia,
E que diz inda hoje em dia,
Que diz ao Golpho de Ischia,
Que escravo lhe beija o chão?

Que diz a trémula brisa,
Soprando n'hastea da flôr?
Que diz soprando indecisa
Na vaga, que se deslisa
Com murmurante fragor?
Que diz á flôr, mas á voga?
Que lhe diz a flôr em paga?
E a onda, que a brisa afaga,
Que diz á brisa e á flôr?

Que diz o tronco lascado?
Que diz a flôr do jardim?
Que diz a relva do prado?
E o rouxinol namorado,
Cantando cantos sem fim?
Que diz tudo quanto é nado
Desde o céu, do sol dourado,
Té ao halito encantado
Da violeta e do alecrim?

Diz que o céu adora a terra,
Diz que a brisa adora a flôr.
Tudo quanto o mundo encerra
Diz que a florinha da serra
Bendiz e adora o Senhor;
Diz que a natureza immensa
Cumpre a voz de uma sentença,
Diz que o mundo canta e pensa
Um dôce canto de amor.

XVI.

COIMBRA.

Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que d'amorosa timbra,
Na margem reclinada
Com socego,

*

Não sabe o que é belleza,
Ai! não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flôres;

Gentil como Granada,
Granada, a flôr mais bella
Das Hespanhas,
Como ella decantada,
Mais rica inda do que ella
De façanhas.

Coimbra, teus monumentos
De Godos e de Mouros,
Já desfeitos,
São altos juramentos,
Que attestam aos vindouros
Os teus feitos.

Por Hercules fundada,
Tu Viriato viste
O valente;
De Roma foste amada,
Qual outra não existe
No occidente.

O Suevo e o Alano
Teu sceptro disputaram
Ferozmente;
Amou-te o Godo ufano,
Os Mouros alindaram
Tua frente.

Da velha monarchia
Depois côrte guerreira
D'alta gloria,
Em grão de valentia
Serás sempre a primeira
Pela historia.

De Affonso o Grande a sombra
De noite inda lá véla
Protectora;
Phantastica inda assombra,
Qual forte sentinella
Veladora.

As auras, que susurram
Nas folhas buliçosas
Doces cantos,
De Ignez inda murmuram
As queixas lamentosas,
E os prantos.

Coimbra, patria minha,
De dia rodeada
De verdores,
Á noite te acarinha
A lua prateada,
Meus amores.

Curvada sobre a margem
Co'a fronte n'esse outeiro
Tão gentil,
Afaga-te da aragem
O sôpro mais fagueiro,
Mais subtil.

O rio ás tuas plantas
Reflecte sobre o dorso
Tua imagem;
Murmura graças tantas
Com desleixado esforço
Doce aragem.

A lympha d'esse rio,
Que corre, d'alva prata,
Para o mar,
Por tardes lá do estio
Que imagens que retrata
De encantar!

Imagens tão singelas
De graças, tão altivas
De mirar-se,
De timidas donzellas,
Nas aguas fugitivas
A banhar-se.

Os languidos salgueiros
Se curvam graciosos
Sobre as aguas...
Que fremitos fagueiros!
Que beijos amorosos!
Ai! que fragoas!

E onde ha ahi semblantes
Mais bellos que os das filhas
Do Mondego?
Nos olhos deslumbrantes
Amor, amor, lá brilhas
Com socego.

As murmurantes brisas
Aos echos amorosos
Vão levar
Mil queixas indicisas,
De seus ais maviosos
O cantar.

E tudo sólta um canto,
Tudo brando murmura
Beijo, ou dôr.
E tudo diz — encanto,
E tudo diz — ternura,
Diz — amor.

Salve, gentil princeza!
Salve da Beira filha,
Meus amores!
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flôres!

XVII.

AS DUAS ROSAS.

A branca rosa do Norte
E a rosa do Meio-dia
Traváram disputa um dia,
Travaram lucta de morte.
Eu tenho a côr de donzella,
Sou gentil, risonha e bella,
Disse a flôr do Meio-dia.
E eu, disse a rosa do Norte,
Eu, mais mimosa da sorte,
Eu tenho a melancholia.

Eu sou, replica a primeira,
Dos homens todos o encanto,
Eu sou na minha roseira
Rainha com regio manto.
Eu sou o encanto sómente,
O encanto só de quem sente,
Responde do Norte a flôr;
Sou modesta e tu altiva,
És risonha, eu compassiva,
Tu tens *graça*, eu tenho *amor*.

XVIII.

O DIA DE FINADOS.

Oremus.

É dia sagrado á morte,
É dia só de oração.
A Prece,
Que a Deos se tece,
Vale hoje mais, é mais forte,
Que é filha do coração.

Aquelle, que só pedia
Conforto nos males seus,
Olvida
A prece sabida
«Pão nosso de cada dia»
Por outros pedindo a Deos.

Por outros, sim, já finados,
Por paes, amigos, irmão,
Por filhos,
Que dos seus trilhos
Lhe foram por Deos roubados
Em dias de provação.

Meu Deos, a voz que te pede,
A voz d'amante, de mãe,
É prece
Digna d'interesse,
Que a tua clemencia mede
Pela magua, que ella tem.

Quem chora sobre uma lensa,
Que guarda da vida o pó,
(Que o negue
Quem Deos não segue)
No peito tem outra cousa,
Que não é da vida só.

A campa é como uma porta,
Que leva ao reino de Deos,
As resas
Alli accesas
Anhellos da vida morta,
Á vida eterna dos céus.

Resemos pois, e resemos
Por todos, que Deos o quer;
Amigos
Ou inimigos,
Soffreram como soffremos,
Que eram filhos de mulher.

Alli na pedra da campa
Humanos odios teem fim;
Que a morte
Paira sem norte,
Em toda a fronte se estampa,
Nas rugas ou no carmim.

Ceifa o grande e o pequenino,
As flôres ceifa em botão,
O pobre,
O rico e o nobre,
Ceifa o velho e o menino,
O turco, o moiro o christão.

A morte, a morte inflexivel
No mundo seu reino tem,
Espera
Da eterna esphera,
Com sua foice terrivel,
Ceifar os astros tambem.

Que somos pois nesta vida,
Que somos nós? Cinsa e pó.
Resemos,
Para que achemos
Quem, na extrema despedida,
Sim, quem de nós tenha dó.

XIX.

O NATAL.

Et verbum factum est.

I.

É noite medonha e negra
Nos campos, que o rio alegra
Denominado Jordão.
Quem o rio não conhece,
Que escutou a santa prece
Dos prophetas de Sião?
É alli que vos conduzo
Nesta noite, como é uso,
Como é lei do bom christão.

Caminhando noite e dia,
Vae o esposo de Maria,
Vae Maria... Aonde irão,
Por tão longa noite, e frio,
A horas taes junto ao rio
Denominado Jordão?

Da cidade ás horas mortas
Não se abriram nunca as portas
A ninguem.
— Eis de novo os dois viandantes
A caminho e não distantes
De Bethlem.

Ah! dorme, dorme o teu somno,
Infiel Jerusalem.
Durmam servos, durma o dono;
Que alli pena ao abandono
A mulher, que vae ser mãe.

Morta de dôr e de febre,
Na porta d'esse casebre
Bate, ó mãe.
Oh! bate, bate de novo
Que o dono é filho do povo,
Abrir-te a porta já vem.

Dão-te um presepe... Que importa?
Não ficas já semi-morta
Junto aos muros de Sião.
Humilde tecto te cobre;
É dado por gente pobre,
Mas dado do coração.

E nessa noite nascêra
No presepe uma criança.
Mas quem ha-de
Divulgar quem ella era?
Que era a luz eterna e mansa
Da verdade?
Quem sonhára, quem dissera
Que vinda era a esperança,
A caridade?
Que o verbo emfim nascêra,
Que tinha por herança
Salvar a humanidade?

II.

Em Roma reinava Augusto,
No mundo Roma é que impera
Só;
Não houve imperio vetusto,
Que não fosse nessa era
Pó.

De Numancia, de Carthago
Não vêdes ainda o fumo,
Não?
Não ouvís o grito aziago
De mil nações, que sem rumo
Vão?

De mil escravos, que Roma
Nos ferros, prèsos, convulsos,
Tem?
Mas os ferros, com que doma,
Não vês que após aos seus pulsos
Vem?

Sim, Roma por seus escravos
Os povos da terra tem;
Porém a Roma dos bravos
Escravisada é tambem.
Os seus heroes já são mortos,
Deixando os povos absortos,
Que sua espada venceu.
Morreram, grandes, na lucta;
Mas hoje a grei prostituta
Até seu nome esqueceu!

Nem de Manlio, nem de Bruto
Aquellas vozes escuto...
E Catão?
Esse povo, esse senado,
Mario, Syla ensanguentado,
Onde estão?

Imprecando o céu e o mundo
Onde o Gracco moribundo?
Onde as leis,
Que um povo sabio promulga,
Quando um povo sabio julga
Mais que os reis?

Sería perdida a lucta,
Que o velho mundo travou,
Porque a raça dissoluta
De Roma se escravisou?
A luz nascida em Athenas
Um meteoro, que apenas,
Mal brilhou, adormeceu,
Porque sôbre o Capitolio
Um Cezar, erguendo o solio,
Diz que o mundo é servo seu?
*

E Roma dormia,
Sonhando alegria
Nos ocios da paz.
Folgava nos ferros,
Banhada nos erros,
Que o vicio lhe traz.

O luxo e as artes
Por todas as partes
Estendem seu véu.
Nos circos, nas praças
Mil gentes devassas
Blasfemam do céu.

Do mundo os senhores
Tornados cantores
De orgias tão vãs!
E os membros já lassos
Em torpes abraços
De vís cortezãs!

E os ebrios cantares!
E erguidos altares
Ao vicio e prazer!
E as noites de Roma,
Da antiga Sodoma
Lembrando o viver!

Ó Roma, Roma acorda
Do teu vil delirar.
Do abysmo estás á borda,
Onde has de baquear.

De Babilonia os muros,
De Memphis, de Ninive
Tambem eram seguros ;
E hoje nada vive.

Não te vale o ser grande ;
Tambem Thebas cresceu.
Um sôpro que Deos mande,
E tudo pereceu.

Ó Roma, cautela,
Que eu sinto a procella
Sinistra rugir.
Tu mandas nos povos ;
Mas outros mais novos
Lá vejo surgir.

Ó Roma, não durmas,
Que ás ondas, ás turmas
Já vem a brotar.

Lá surgem mais hordas,
E tu não acordas
Do teu repousar.

Lá vejo abatidos
Mil templos erguidos,
Mil altos padrões.
Lá vem novo bando,
No rasto deixando
De cinzas montões.

Lá dão mais um passo. . .
E o povo devasso
Que ri no prazer!
Que só ama o sangue
Da victima exangue,
No circo a morrer!

Lá chegam, vencendo,
Talando, fendendo
Teus rotos broqueis,
Calcando em seu carro
Teus deoses de barro,
Teus templos e leis.

E o velho senado.
Caíndo abraçado
Co' a crença pagã!

E mais nova crença
Lavrando a sentença
Da Roma anciã!

Oh! quem foi que o velho mundo
Assim lançou no profundo
Abysmo de sangue e dó?
Quem levanta um mundo novo,
E faz nascer outro povo
Do antigo povo no pó?

É elle, o filho do pobre,
Nascido agora em Bethlem,
Um Deos por fonte mais nobre,
Mas homem por sua mãe.

III.

Nasceu em cabana rude,
Pora aos homens ensinar,
Que aonde existe a virtude
Ordena Deos que se mude
Um presepe n'um altar.

Nasceu de geração pobre
Para dizer e mostrar,
Que aonde existe alma nobre
A lei de Deos a descobre
Para a fazer levantar.

Nasceu do povo, dos servos,
Para bem alto clamar,
Ó grandes, para dizer-vos,
Que, quando máus e protervos
Vos faz um sôpro tombar.

Vestiu-se do pó da vida
Para torna-la remida
Da antiga culpa de Adão.
Soffreu injurias atrozes,
Para pagar aos algozes
Co' a santa lei do perdão.
Desfez imperios potentes,
Para dar aos descendentes
Dos potentados de então
Um testimuuho, uma jura,
Que póde mais a doçura
Dos homens no coração.
Do que as algemas, os ferros,
De falsas leis, cujos erros
Lhes cavam a perdição.

Do velho mundo, das passadas glorias
Que resta agora só?
Epitaphios de um tumulo e memorias,
Que tudo o mais é pó.

Dos seus templos e leis já nada resta,
Do seu velho esplendor.
A lei, que agora rege, a lei é esta,
É lei de eterno amor.

Amae-vos uns aos outros, disse o Christo,
Nascido hoje em Bethlem!
Povos, cumprí a lei, que fóra d'isto
Não ha gloria, nem bem.

Vêr os homens, o mundo em guerra eterna
Não vos abale a fé,
Que a lei, por Deos mandada, é lei superna,
E ficará de pé

Cada dia que volve é passo novo
Para o supremo fim.
Quem sabe por que transito o seu povo
O Deos conduz assim?

No futuro descrer é impio crime,
É duvidar de um Deos,
Que a despeito do mundo a lei sublime
Fará cumprir dos céus.

LIVRO SEGUNDO.

I.

O POR DO SOL.

O sol baxa ás collinas,
Que bordam o poente,
Envolto em nuvens finas
De rubro pó luzente.
Nas orlas purpurinas
Suspenso sobre o mar,
Co'as cupulas intesta
Das cimas da floresta,
E diz adeos á festa
Da vida e do cantar.

Nas ondas busca asylo
Ao seu fulgor immenso,
E boia já tranquillo,
Sobre outro mar suspenso.
A aguia quer segui-lo
No seu correr sem fim.
E vôa, vôa e cansa;
Segui-lo não alcança,
E volve, que a esperança
Lhe foge, como a mim.

Oh! Quem segui-lo ousára!
Segui-lo quem podéra
Na onda pura e clara
Dessa brilhante esphera!
Co'as vistas abraçára
Do céu as vastidões.
Ao céu perguntaria,
Ao mundo, ao sol, ao dia,
Porque é que se soffria
Da vida nos grilhões.

Desejos tristes do homem,
Que vê do sol o brilho,
Sem que seus pés lhe tomem
O luminoso trilho.

Os dias se consomem
N'um desejar em vão;
E ama, sofre e sente,
E fina-se impotente,
E só lhe diz a mente
— Mysterio e solidão!

Nas nuvens purpurinas
Em vão procura lêr,
Das rosas nas boninas,
Na flôr do malmequer;
No véu dessas neblinas,
Que pousam sobre o mar;
Do céu no puro manto,
No seu fulgor de encanto,
Do rouxivel no canto,
Da brisa no soprar.

Dos ventos da montanha
As murmurantes voses
São ais de dôr tamanha,
Ou são risos feroses?
É queixa, amor ou senha,
Ou de escarneo a voz?
Ou são loucos accentos,

Ou sons sem pensamentos,
Ou soffrem esses ventos
E gemem como nós?

Da vaga que murmura
Na fraga alcantilada
É de ira ou de loucura
A voz entre-cortada?
Ou é voz que esconjura,
Que chora ou que sorri,
Á qual o som responde
D'um echo, que se esconde,
Sahido não sei d'onde,
Mas que eu destincto ouvi?

A brisa, que na sarça
A murmurar se escuta,
É voz, que ri da farça
Da humana, eterna lucta?
Será como comparsa
Que o homem, louco e vão,
A si lançando o incenso
Do pó grosseiro e denso,
Assiste ao drama immenso
Da immensa creação?

E tudo são mysterios,
Arcanos, sombra tudo:
Os canticos aerios,
A rosa, o cedro mudo;
A flor dos cemiterios,
E esse mar sem fim,
A brisa, o pranto, os lumes
E os tepidos perfumes,
Que nascem dos cardumes
Das moitas de alecrim.

Mas ha n'esses encantos
Do céo, da flor, do dia,
Mysteriosos cantos
De infinda melodia.
Que valem os teus prantos,
Ardente sonhador?
Tu'alma porque anceia,
Se a vida ao pó te enleia,
Se és como um grão de area,
Se passas como a flor!

As vozes do universo
São cantico illegivel.
Tu, pó em mar disperso,
Não sondes o impossivel.

Se amas o sol immerso
Na plaga occidental,
Se amas a luz e a rosa,
Surri á flor mimosa,
Da luz, do aroma gosa,
Ditoso sem rival.

Da natureza as flores,
O aroma, a luz dourada,
São balsamo nas dores
De vida attribulada.
—Mas em densos vapores
O sol sumido é já.
Do ocaso ás nuvens bellas
Succedem mil estrellas;
No etereo monte ao vêl-as
A dôr te passará.

II.

HOROSCOPO.

(A uma donzella.)

Nem tu me conheces, nem eu sei teu nome;
Mas vi teu semblante, teus olhos, ó flor,
E li nos dois livros, e ler-lhe encantou-me
No rosto — innocencia — nos olhos — amor.

*

O candido lyrio de ameno perfume
Revela nas folhas seu pranto subtil ;
Nos olhos, nas faces tu mostras o lume,
Que escalda teus sonhos, ó rosa d'abril.

Sim, rosa. . . Das rosas na fronte esculpido
Tens mimo, innocencia, modestia e pudor.
Não queiras negar-m'o, que eu sou entendido ;
Teus olhos revelam segredos d'amor.

Tu córas, donzella ! . . . Teu rosto vermelho
Encanta por certo ; mas prova ainda mais
Que os teus lindos olhos são d'alma o espe lho
Não negues ainda. . . são olhos fataes.

Eu leio nos olhos, nas faces, nos risos.
É arte aprendida no livro da dor.
E dor é-me a vida ; mas tenho sorrisos
P'ra dar a dois entes — á virgem — á flor.

São elles sómente quem guarda na vida
Dos céos um reflexo que brilha tão bem :
A flor na fragancia, que as auras convida,
A virgem amante nos sonhos que tem.

E como as candidas flores,
Que teem singelo perfume,
Assim teus sonhos de amores
Tem brandos, castos ardores
De casto, virgineo lume.

De sonhos talvez ainda,
Teu amor não passará,
Mas um dia o sonho finda;
Que tão mimosa e tão linda,
Que amantes farias já?

Mas d'esse amar de donzella
Não temas o meigo ardor;
Que amar é a frase singela
Da folha mais pura e bella
Do livro do Creador.

Tudo o mais — delirio cégo;
Tudo o mais — phantasma vão;
Tudo o mais — tremendo pégo,
Revôlto mar, que eu navego
Sem rumo, sem direcção.

N'esta febre da existencia,
Onde a gloria é delirar,

N'esta terra de inclemencia
Só coube a ti, á innocencia,
Ser feliz sabendo amar.

III.

SORRISO E MORTE.

Virgem de face pallida,
De olhar casto e risonho,
Emanação angelica
D'um inefavel sonho,
Virgem, que o mundo, olhando-te,
Duvida se es visão!

Na aurora da existencia
Já de jasmins ornada,
Já sem a tinta vívida
Da rosa nacarada;
Amas acaso o tumulo,
Ó flor inda em botão?

Ness'hora, quando a cythara
Da tua vida curta
Já solta o extremo cantico,
Ornada já de murta,
Quando te foge a purpura
Das faces infantís;

Ness'hora melancholica,
Em que o morrer vem perto,
Aos outros, ai! tão pavida,
De um fado tão incerto,
Ness'hora, ó fronte angelica,
Ness'hora é que sorrís?

Sorrís, pendendo ao tumulo
A fronte pensativa.
Sorrís ao sonho ephemero
Da infancia fugitiva?
Sorrís, sem vêr funerea
A morte, que alli está?

Sorrís, em sonho candido,
Aos gosos da esperança?
Sonhas porvir de lirios,
Futuro de bonança,
Futuro vão, que o tumulo
Em breve apagará?

Ai! não florinha pallida,
Tu não surrís ao mundo;
Não pensas sonho ephemero,
Porvir largo e jocundo;
Mas que te importa o tumulo,
Se te conduz ao ceo?

Ó rosa, a quem o halito
Da morte inopinada
Roubou, passando, a purpura
Da face descorada,
Es meteoro rapido,
Que brilha e feneceu.

Roubada ao mundo angelico,
Mandou-te Deus a vida,
Qual magico relampago
De luz no céo nascida.
Na terra não tens patria,
O céo volve a habitar.

Se ris, é sonho placido
Do céo, onde nasceste;
Se pensas, são memorias
Da habitação celeste.
Por isso vais ao tumulo,
Sorrindo e sem parar.

Quando o mimoso calice
A flor pende no prado,
Já tem o odor balsamico
Na brisa ao céo mandado;
Assim, ó virgem candida,
Tu'alma aos céos irá.

Vieste, amiga nuncia
Do eterno e sacro templo,
Que existe um mundo incognito
Mostrar com teu exemplo,
Um mundo, eterno balsamo,
Que a dôr nos murchará.

IV.

RETRATO.

São seus labios côr de rosa,
Meiga voz harmoniosa
Sáe dos labios de carmim;
São as tranças côr da amora,
Seu olhar é como a aurora,
Suas faces de setim.

Nem teu perfumado aroma
Bebe alguem nesta soidão,
Mais que as auras, quando assoma
Da aurora o doce clarão.

Nem outro pranto te molha,
Mais que o pranto da alvorada,
Tornando mais linda a folha
De perolas inundada.

Nem adornarás, colhida
Da curta vida no meio,
Ou uma fronte querida
Ou os encantos de um seio.

Aqui, no sitio deste ermo,
Tiveste perfume e vida;
Aqui chegarás ao termo,
Sem ser do mundo sabida.

Serás uma entre milhares
Das maravilhas sem fim,
De que são templos os mares,
A terra immenso jardim.

Que não sabidas fenecem,
Que passam a' mil e mil,
Até que mil novas crescem,
Quando nasce novo abril.

Mas um dia o sôpro irado
Da furia dos vendavaes,
Ha-de varrer-te do prado,
Sem que renasças jámais.

Na rapida messe
Da furia que cresce,
Qual tudo fenece,
Tambem morrerás.
Quem ha, que te acoite
Das furias do açoite,
Nas trevas da noite
Passando fogaz?

A noute sombria
Da flôr de um só dia
Encantos, magia,
Perfumes desfaz.
E quando encarnada
Nascer a alvorada,
Á flôr resta nada
Da vida falaz.

Assim é ella, a flôr dos meus encantos ;
Na vida passa estranha e solitaria,
Como do prado a flôr.
Mas essa dorme eterna e nunca volve
Da cinza funenaria ;
E ella a terna rosa dos meus cantos
(Não póde anniquillar-se egual magia)
Acordará um dia
No seio do Senhor.

VI.

CHATEAUBRIAND.

Les dieux étaient tombés. . . . . .
Ce siècle dont l'écume entrainait dans sa course
Les moeurs. . . les dieux. . . refoulè vers sa sourse
Recula n'un pas devant toi.
(LAMARTINE — *Medit. Poet.*)

Já não vive o cantor do christianismo.
Ó harpas de Sião, chorae-lhe a morte!
Era bom, era grande como um seculo,
Sustentou, novo Atlante, um mundo novo,
E cumprida a missão, foi reclinar-se,
Gigante, n'um sepulchro.

Gigante, sobre a arêa movediça
Destas plagas do mundo imprime os passos.
E dos tempos o sôpro, que ha desfeito
As pegadas d'heroes e de monarchas,
Ha de vir murmurar-lhe junto á campa
O cantico dos seculos.

As soidões, ó cantor, do novo mundo,
Aos sons da tua lyra ainda retumbam;
As cidades, as ruinas dos imperios,
Tudo quanto ha no mundo grande e bello,
Tudo conserva um teu sublime canto,
Um canto d'harmonias.

Jaziam cinza e pó, desmoronados,
Os altares de Christo n'um sepulchro.
Tu a campa do tumulo quebraste,
Feriste a lyra tua, e novo Lazaro,
Da humanidade o vulto se alevanta,
Surgindo d'entre as cinzas.

Um seculo se erguia gigantesco,
Arrojando os mortaes para um abysmo.
Tu quizeste tirar ao monstro a prêza;
Luctaste, outro David, contra o Golias,
E o gigante caíu, amortalhado
No vacuo d'um sepulchro.

A lyra era o teu cepthro. E pelo mundo,
Ao vento sôltas as canções aérias,
Phantastica visão, tu caminhaste.
Qual anjo do Senhor, sulcando o espaço,
Deixavas após ti na aberta senda
Um rasto d'harmonias.

A humanidade, absorta, ainda se lembra
De ouvir um dia canticos sublimes...
Eras tu quem cantavas junto ás ruinas
De Memphis, de Granada e de Cartago.
Evocavas da campa augustas sombras,
Que á tua voz surgiram.

Nas margens do Jordão, mais nobres cantos
Desprendeste, qual tuba dos archanjos.
Não eram sombras vãs, as que evocaste;
Era o proprio Messias, era o verbo,
Era a cruz, que de novo se alevanta
Nas ruinas dos imperios.

Gigante colossal entre dois seculos,
Tu arrojaste um delles ao sepulchro;
E o outro, que á tua voz surgíra,
Encara do porvir, ousado, as sombras...
Mais feliz que Moisés, tu viste a aurora
Dos promettidos tempos.

Ora dorme na campa! — Os alaúdes
Em tristes sons prantearão teus manes.
Dos seculos vindouros a memoria
Evocará teu nome d'entre as cinzas.
E eu vou, humilde, entrelaçar um goivo
Na c'roa do teu tumulo.

VII.

A ROSA FANADA.

(Alegoria.)

Eu vi no prado uma rosa
Tão gentil e tão formosa,
Como uma estrella do céo,
Tão brilhante, como a aurora,
Quando assoma, quando chora,
Da noite rasgando o véo.

E no prado, que ella veste,
Vi passar campino agreste,
Arrancar a linda flôr,
Deixando n'astea mimosa
Do succo da bella rosa
Uma lagryma d'amor.

Na rude mão calejada
Do campino, desbotada,
A rosa perde o carmim;
Mas inda é meiga e formosa,
Conserva o mimo da rosa
Co'a linda côr do jasmim.

Outros amem outras flores,
E tomem novos amores
Em cada bella estação;
Ame este o goivo e o lirio,
Aquelle o triste martyrio,
Ou da rosinha o botão.

Que embora d'astea arrancada,
Embora triste e fanada
A rosa que me encantou,
Eu hei de amar a florinha,
Que já não póde ser minha,
A que o campino roubou.

Sempre hei de amar essa rosa
Tão gentil e tão formosa
Como uma estrella do céo,
Tão brilhante, como a aurora,
Quando assoma, quando chora,
Da noite rasgando o véo.

VIII.

22 DE ABRIL.

(Ode saphyca)

Et rose elle a vecu ce qui vivent res roses
L'espace d'um matin.
MALLERBE.

Era uma noite na estação das flôres
Murmura a brisa pelo valle ameno,
E a lua triste pelo espaço immenso
Livida passa.

E sobre um leito doloroso e triste
Formosa virgem, anjo de innocencia,
Qual rosa murcha c'o soprar dos ventos,
Languida morre.

Como uma flôr, que desprendêra o zephyro,
E em manso arroio inda gentil fluctua,
Assim seus olhos ella fecha á vida,
Pallida e bella.

O mocho triste no cypreste esguio
Não pia horrendo, nem nos campos hermos,
Zumbindo, o vento pavoroso solta
Grito funereo.

Um côro apenas de canções angelicas,
De alva corrente pela fresca margem,
Saudosas brisas com murmurio leve
Tristes cantaram.

Qual meteóro, que allumia e passa,
Assim su'alma alumiou a vida,
Passou fugaz tambem, e agora dorme
Somno dos tumulos.

Chovam na campa desfolhadas rosas,
'allidos goivos, e saudades rouxas;
'e nossos olhos se despenhem funebres
Lagrymas tristes.

Todas as vezes que este dia infausto
'olver no circulo fatal dos annos,
'ibrae, ó cordas da saudosa lyra
Funebre canto.

IX.

MELANCHOLIA.

Houve um tempo, em que eu sonhava
Só, feliz, risonho e puro;
Era o sol meigo da infancia,
Que doirava o meu futuro.

E sonhei amor, venturas,
Sonhei gloria e liberdade ;
Era céo de eterno encanto
Meu sonhar da tenra edade.

Mas o céo, toldou-o a nuvem,
Densa nuvem da desgraça ;
Mal luziu, passou meu sonho,
Como a brisa adeja e passa.

Já da aurora a branca estrella
Para mim não tem doçura,
Já as auras me não trazem
Meigos sonhos de ventura.

Já não vou lêr meu futuro
No fulgir d'astro luzente,
Ou na nuvem solitaria,
Que o sol doira no occidente.

Para mim não tem encantos
Das campinas a verdura,
Nem a flôr, que o prado veste
Nem a fonte, que murmura.

Nem da noite a paz serena
Nem da aurora o meigo pranto.
Nem o arrulho da pombinha,
Nem da philomela o canto.

Como as folhas, que do outomno
Rouba ao tronco o vento insano,
Tal roubou minhas quimeras
O sôpro do desengano.

Dos sonhos da liberdade
Da ventura, amor e gloria,
Só hoje restam saudades
Só hoje resta a memoria.

X.

INCONSTANCIA.

Ella era como o lyrio melindroso
De candido perfume,
Que atráe os olhos, que embalsama as auras,
Que encantos mil resume.

E eu quil-a colhêr, como a florinha
Do monte lá na espalda
Viçosa e pallida, e com ella e myrto
Tecer uma grinalda.

O myrto são meus tristes pensamentos
De louca phantasia ;
Da gloria, da ventura, da esperança
A flôr ella sería.

Quiz colhêl-a, sorriu-me graciosa,
Mas, ai ! não era flôr ;
A flôr é firme, e ella abandonou-me
Em busca de outro amor.

Por isso a minha c'rôa tem só myrto,
Minh'alma luto e dó,
E do meu alaude os pobres cantos
São tristes cantos só.

XI.

HARPEJO.

Eu vi na corrente
Boiar uma rosa,
Que fresca e formosa
Da margem caíu ;
O Zephyro brando,
Por ella passando,
Subtil murmurand
Beijou-a e sorri

*

O verde salgueiro,
Co'a rama nas aguas,
Em languidas fraguas
Bebendo o frescor,
Debalde se empenha,
Mil traças engenha
Co'a tremula grenha
Por ter mão na flor.

Mas ella, correndo,
Lá foge e não pára
Na veia tão clara
Do arroio veloz.
Lá foge e se esconde,
Já váe não sei onde.
Clamei, nem responde
Das brisas na voz.

Assim são os sonhos
Felizes da vida:
Na onda esquecida
Dos tempos se vão.
Buscamos retel-os;
Baldados anhellos!
Lá fogem tão bellos,
São só illusão.

XII.

NO ALBUM DE UMA MÃE.

Gravar d'um livro na doirada pagina,
Que adornam galas de lavor custoso,
Um nome, — e juntas ostentosas phrases,
Vãs ou mentidas...

É sobre a pedra de marmoreo tumulo,
Que esmaga a sombra de um mortal ignoto
Gravar-lhe o nome, quando dell'só resta
Cinza e mais nada.

Que importa aos olhos do que lêr tal disti
Um nome esteril, se o que é já cadaver
Mais fundos passos não deixou impressos
Cá sobre a terra?

Se a dona do album, folheando as paginas,
Lêr, passageira, estes meus pobres versos,
Ao menos saiba que aqui deixo um voto
Caro á su'alma.

Errante nauta neste pego inhospito,
Materno seio tambem tenho ainda.
Um voto ahi deixo, (que mais posso eu dar-te
Mãe, por teu filho.

XIII.

A DONZELLA E A ROSA.

Sobre margem florea e bella
Vi um dia uma donzella
Divagar;
De repente, precurosa,
Surrindo, colhe uma rosa
De toucar.

Respira-lhe o dôce aroma,
O brando cheiro lhe toma
Vezes mil;
Mas outra mente lhe veio,
A rosa põe junto ao seio
Tão gentil.

Que ventura tão mimosa,
Que encantos, que a linda rosa
Lá colheu!
Como beija o seio d'ella!
Como aos mimos da donzella
Se rendeu!

Mas o ardor do lindo seio
Murcha a rosa nesse enleio
Tão loução;
E a virgem, caprichosa,
Lança a já murchada rosa
Sobre o chão.

Eis que a pobre abandonada,
Em triste pranto banhada,
Diz assim:
— Vae, que a sorte, que me mata,
Perseguir-te ha-de, ó ingrata,
Como a mim.

Teus encantos soberanos
Roubar-te-hão esses annos,
Que lá vem,
E quem houver de gozar-te
Ha-de então abandonar-te
Com desdem.

Sem encantos, sem magia,
Chorarás em cada dia
Vezes cem,
Que a donzella mais a rosa
A mesma sorte enganosa
Ambas tem.

XIV.

DESILLUSÕES.

Ó lyra, calla os teus cantos,
Dóces sons ou tristes ais;
Quebrados são meus encantos,
Que neste mundo de prantos
Eu nasci cedo de mais.

O sôpro, que o mundo agita,
Da vida decepa a flôr;
É como o vento, que imita
Funereos ais, quando grita
Por noites d'atro pavor:

Gela risos de donzella,
Esperança, vida, amor,
Gela sonhos, tudo gela,
Até a canção mais bella
Do alande do cantor.

Nasceu-me a flôr da èxistencia
Viçosa. — Irado tufão
Susurrou-lhe com violencia;
E a pobre, toda innocencia,
Mirrada caíu no chão.

A corôa entertecida
De rosa, louro e jasmim,
Vi-a um instante na vida;
Caíu murcha e ressequida,
Mal foi tocada por mim.

Saído apenas da iufancia,
Provei a taça da dôr.
Das flores entre a abundancia
Inda aspirava a fragancia,
Já sentia o amargor.

Meus sonhos tão lisongeiros,
Quem os sonhou, como eu?
Mas, ai! passaram ligeiros,
Quaes fugazes nevoeiros,
Que o vento expulsa do ceo.

Ai! sonhos, porque fugistes
Tão depressa, tão sem dó?
Ai! sonhos, que me illudistes,
Nas minhas horas tão tristes
Porque me deixastes só?

A furia dos desenganos
Soprou-me a fronte infantil.
E caduco em tenros annos,
Fui, qual dos ventos insanos
O rosa sêcca em abril.

Mal dava o primeiro passo
Da vida no caminhar;
Ante mim era o espaço...
E veio o mundo devasso
De mim surrir-se e passar.

E surriu-se e passou, como uma sombra,
E tornou a passar, ebrio, maldicto;
E, passando, soltou damnado grito
De risos infernaes.

E passou outra vez e outra e muitas,
E sempre mais distincto e verdadeiro;
Só meu sonho infantil passou ligeiro,
E nunca voltou mais.

XV.

NO TEJO.

A minh'alma porque geme,
Quando estou juncto de ti?
Porque a lyra chora e treme,
Quando o barco segue o leme,
Quando a vaga nos sorri?

Quando ao longe a branca véla,
Sem parar, segue o seu fim?
Quando a tua face bella
Mil segredos me revela
Matisada de carmim?

Quando a praia, o mar, o outeiro
Se desprende em mil canções,
Desde a trova do barqueiro
Ao sussurro lisongeiro
Do cantar das virações?

Quando o homem finda o dia
Sem pensar no de amanhã?
Quando tudo é harmonia,
Desde o berço á campa fria,
Desde o sol á sombra vã?

Desde o cedro agigantado
Té a rosa dos jardins?
Desde o mar frio e salgado
Té ao sôpro embalsamado
Co'a fragancia dos jasmins?

Quando a vaga, que murmura,
Teus suspiros, teu rubor,
Homens, brisa fresca e pura,
Quando tudo diz ternura,
Quando tudo diz amor?

É que as brisas, as vagas, canto e dias,
Ternura, amor, fragancia do jasmim,
São dôces harmonias;
Mas tudo morre emfim.

São sonhos infantis. O tempo insano
Arrasta-os no seu gyro, aonde impera,
E vem o desengano
Dizer que são chymera.

Serenos, como as ondas bonançosas,
Fogem, como no mar foge a bonança,
Definham como as rosas,
Morrem como a esperança.

XVI.

IMPRECAÇÃO.

Amica silentia lunae.
VIRG.

Toldam sombras da noute o firmamento;
Dorme a terra em socego — Os astros gyram,
Silenciosos, no espaço, e silencioso
Da lua sobre a pedra o brilho alveja,
Da lua triste, da pureza emblema,
Solitaria pairando em céo de estrellas,

*

Dorme a terra em socego — Pelos campos
Do pobre cegador rusticas trovas
Não se escutam singelas, nem dos montes
A frauta pastoril, dôce, acompanha
Rude o cantar do montanhez dos bosques,
Pela vasta amplidão da praia núa
Calla-se a voz do pescador ousado,
Na prôa do batel dormindo agora.
É triste a frouxa viração da noute,
Que a natureza, gemebunda, exhala.

Ouxalá nunca mais a terra víra,
Ó sol, o brilho teu! Da noute immensa
Sempre o frigido véo, perpetua a sombra,
Não gelára o surrir nos labios do impio?
Não callára das turbas o ludibrio
Sobre pallida fronte, que se acurva
C'o pezo vil de maldicções, que a cercam?
Oh! Eu não te amo, ó sol! Outros implorem
Teu fulgido esplendor. Brilhar teus raios
Pela amplidão dos céos vejo indiff'rente.
O dia é para mim, como ampla noute,
Ou densa nuvem, que me encobre os astros.
Meus anhellos d'amor não são da terra;
Esta vida é um exilio solitario,
Onde eu vegeto apenas.

De quanto ha ahi no mundo eu nada encontro'
Que me furte um surrir. — Só vãos desejos,
Scenas tristes da vida, estereis gosos,
Gravada a inquietação na fronte do homem,
Ou labios juvenis, que inda surriem
Aos fementidos sonhos da esperaaça!
Meus sonhos já lá vão, meu sol sumiu-se,
Esse outro dos mortaes é-me importuno.
Eu não vos amo, ó cantadoras aves,
Do sol ao esplendor, no amplo deserto.
Eu só te amo, ó poeta solitario,
Só te amo, ó rouxinol, meu companheiro
Triste cantor da noute.

XVII.

DESESPERANÇA.

No livro humano as paginas, que volvem,
Fulguram de mil côres ;
Junto á folha enlutada, a folha volve,
A folha dos amores.

Da minha vida o livro é mais sombrio
Do que outro livro humano;
Cada folha, que volve, é negra sempre,
É sempre um desengano.

Que anathema do Eterno a dextra irada
Na fronte me gravou,
Sombria planta, que nenhuma aragem,
Nenhum sôpro embalou?

É que eu não sou da terra. — Um sonho amargo
É meu triste viver;
E passo, como a flôr, que vive agora,
E logo vae morrer.

XVIII.

OS DOIS FADOS.

Infausta a hora, ó anjo, em que do Eterno
A mente n'um surrir creou teus mimos!
És anjo, és anjo, sim. . . Meus tristes olhos
Encontram-se c'os teus, e os labios mudos
Não sabem murmurar celestes phrases.
Qual é nosso destino? — Quaes dois astros,

Errantes, a vagar no espaço immenso,
Sem que nunca se encontrem, sem que um dia
N'um orbita só casados girem,
Será meu fado e teu nunca no mundo
Nossas sortes unir? Ver-te de longe?
Adorar-te em segredo? Ouvir da noute
Murmurarem teu nome os meigos astros
Que fulguram no céo? Cantar na lyra
Teus encantos de amor? E em sonho amigo
Sonhar surrisos teus, sonhar teus mimos?
Será meu fado e teu — tu, flôr mimosa,
Em árido torrão murchar c'os ventos,
E eu, triste planta, que nasci n'um tumulo,
Morrer de sol á mingua, suspirando
Pela roza gentil que o prado veste?

Vagam teus olhos pela turba immensa,
Teus olhos virginaes na turba insana,
Qual da aurora primeira o raio ardente
Nos turbilhões do cahos. — São teus labios,
Qual roza virgem, que brotou risonha
Em áridas campinas. — Teus suspiros,
Os teus sonhos, teus risos, tudo é casto,
É casto o teu pensar. Singela, dormes,
Anjo puro do céo, n'um mar de horrores.
Inexperta, inda embalas só na mente

Um pensar infantil, que o mundo encanta.
Da vida só a aurora te ha surrido,
Sem lhe veres, pesado e agonisante,
O meio dia ardente, sem lhe veres
Terriveis sombras de um fatal crepusculo.
Ficta, ó anjo, teus olhos indecisos,
Que na turba, que passa, errantes vagam,
Ficta, ó anjo, teus olhos em minh'alma.
Tudo o mais é veneno, fel, e sangue,
Que labios varonis com riso escondem.

Um dia, um dia, na hora do silencio,
Quando os astros no céo, pallidos, brilhem,
Teus olhos seguirão, vagos e tristes,
Da lua o giro, teu fatal emblema.
Dos astros o fulgir virá pintar-se
No pranto, que ornará teu rosto languido.
Teu sonhar infantil ha de esconder-se
Nas sombras do passado; e solitaria
Penarás em silencio; — anjo da terra,
Tu, flôr da creação, terás inveja,
Á lua inanimada, á verde planta,
Á roza virginal, que beija o zephyro,
E á triste rôlla, que nos céos vagueia.
Aos gemidos da brisa os teus gemidos
Hão de, meigos cazar-se; e quando o Alcyone,

Sulcando as vagas, gorgear ao longe,
Ha de a tua alma voz harmonisar-se,
Co'a do cantor dos mares.

Eu tambem cantarei. — Frouxos murmurios,
Pallidas notas da plangente lyra
Ecco sonóro acordarão ainda,
C'os sons perdidos de canções incognitas.
Na terra triste e só, qual sombra errante,
Ás gentes cantarei, que indifferentes,
Dos sons estranhos ignorando a mente,
Não saberão que o meu extremo canto
Será teu canto funebre.

XIX.

HARMONIA.

O sol seus raios sumíra;
As sombras surgidas são,
O céo é funda saphira;
Retumba na eterna lyra
Mysteriosa canção.

Das messes a coma lonra
Na côr da noute se esvae;
Murcha a flôr, que o sol não doura;
Abrisa murmuradôra
Parece soltar um ai!

A lua, como uma barca,
Navega n'um mar de anil.
O sol, potente monarcha,
O seu sepulchro inda marca
C'uma aureola subtil.

As estrellas, mago encanto,
Que nessas almas seduz.
Parecem gottas de pranto,
Que a noute chora em seu manto
Por morte do rei da luz.

Os campos, o valle, o monte
Se vestem de negro dó;
Dos robles é negra a fronte;
Só lá no fim do horisonte
Se encherga dourado pó.

Ultimo brilho, que em breve,
Como o fumo, passará,
Movido por sôpro leve.
— Tal nossa vida se inscreve
No livro de Jehovah.

Como o dia, tudo passa,
Tem tudo funereo dó.
Do prazer ou da desgraça
Inda hoje bebeis na taça
E ámanhã sereis pó.

XX.

A UM POETA.

É triste, poeta, a historia,
Que em nossos versos se lê,
É triste, poeta, a gloria,
Que á terra deixa em memoria
Aquelle que chora e crê.

Que o poeta é qual proscripto,
Errante, vago e sosinho,
Da magua soltando o grito
Sobre o marco de granito
Da beira de algum caminho.

As turbas param, ouvindo
A harmoniosa canção,
E dizem : O canto é lindo.
Dizendo, passam surrindo ;
Surrindo, passando vão.

Nossos ais e nossas dores
São nossos mais bellos cantos,
E o mundo nos seus clamores
Dá-nos um ramo de flôres
Em paga de nossos cantos.

Não fallemos pois de gloria,
Que ermo jaz o coração,
Que é uma sombra illusoria,
Que é nas paginas da historia
O nome dos que lá vão.

Como a campa, onde mão pia
Vem triste rosa depôr,
Assim noss'alma sombria
É pó, é cinza já fria,
Da gloria sentindo a flôr.

Pobre flôr, que não acorda
Dentro d'alma um sonho vão,
Nem um écco d'essa corda,
Que do caminho na borda
Erguia triste canção!

E se o poeta procura
Ter sublime inspiração,
Ha de encontral-a segura
Na folha triste, mas pura,
Do livro do coração.

*

XXI.

A EXISTENCIA DE DEUS.

Que rosto inspirado! Que fronte sublime!
Que véo de innocencia na pallida côr!
É virgem ou anjo, na estancia do crime
Estatua caída das mãos do Senhor?

Que humano protento nos cantos da lyra,
Que mente incendida d'eterea paixão,
Na tela pintára, na pedra esculpíra,
Sonhára em seus cantos mais dôce visão?

É virgem tão meiga, tão pura, que ao vel-a
Das artes o genio quebrára o cinzel,
Qual nunca nos sonhos surgíra mais bella
Do Orphêo da pintura, do grão Raphael,

Nem Phidias e Apeles, nem Guido e Canova,
C'o fogo, que aos numes roubou Promethêo,
Dando alma aos seus sonhos, calor, vida nova,
Mais puro semblante fariam que o seo.

É anjo tão puro, tão bello, tão casto,
Qual sonho encantado por noites de amor,
Na angelica fronte fulgura-lhe o rasto
Da dextra potente do eterno pintor.

Alli, dos seus olhos nos almos reflexos
Ha sonhos do Eterno, vestigios só seus,
Em lettras de fogo vestigios impressos,
Em lettras eternas gravadas por Deus.

Na tela, na prancha, no marmore escripto
Ha de homens aos anjos um cantico, um ai.
Alli, cada traço nos diz: infinito!
Alli, cada sombra nos diz: meditae!

Que vãos pensadores pertendam co'a lingua,
Mesquinha, incompleta, provar Jehovah!
Ó turbas, silencio! Das phrases á mingua,
Olhae, Deus existe, que a prova alli está.

XXII.

NÃO POSSO.

Na face virginal que nuvem pallida
Succede ao teu rubor?
Porque baixas, queixosa, os olhos languidos,
Qual lirio, que se fecha,
Qual mudo pranto, qual sentida endecha
De exprobação e dôr?

Esse canto, que pedes que eu desprenda
Na lyra adormecida,
Em que eu cantei, da vida
Ao estrear a senda...
Procurei-o nas cordas longamente
Dessa lyra saudosa,
Pedi-o ás auras mansas do poente,
Ao halito da rosa,
Pediu-o, enamorado, ao som gemente
Da vaga rumorosa.
Um écco, uma só nota!... Inutilmente;
Ficou sem voz o cantico,
A lyra silenciosa.

É que as cordas quebraram-se uma a uma,
Como as fibras sonoras da minh'alma,
Vibradas por mão rude.
Não ficou do que foi sombra nenhuma,
Emmurchececu a palma,
Callou-se o alaude.

Outras, que eu hei cantado, tão formosas
Talvez não eram, qual teu rosto bello,
Qual teu surriso languido,
Teo pudico rubor;
Mas essa mão, que me esfolhou as rosas,
Tambem tornou de gêllo
Meo estro abrasador.

Não me peças um hymno aos teus encantos,
Affasta-me o pensar que os teus surrisos
São só premio venal.
Em vez de ethereos cantos,
Do passado só éccos indecisos
Me restam na memoria ;
E para erguer-te ao cumulo de gloria
Não tenho pedestal.

XXIII.

Á LIBERDADE.

Libertà, principio e fonte
Del coraggio e del onor,
Che il pie in terra, in ciel la fronte,
Sei del mondo il primo amor.
MONTI.

Liberdade, nome santo,
Meu primeiro dôce canto,
Minha sacra inspiração,
Nome em gloria e sangue immerso,
Que eu ouvia, inda no berço
Pronunciar com devoção;

Liberdade, écco bem-dito,
Dôce sonho do proscripto,
Do captivo, entre grilhões,
Meigo sonho d'esperança,
Sonho, ás vezes, de vingança
Nesta quadra de traições.

Maga estrella d'almo alento,
Baptisada em mar sanguento,
Ora envolta em puro véo,
Ora pallida, amarella,
Como a lampada, que vella,
Junto á cruz d'um mausoleu.

Sonho, estrella, nume ou canto,
Que os mortaes adoram tanto,
Que adorado sempre teem.
Que adorou já Roma e Grecia,
Que prégou Bruto e Lucrecia,
E um Deus nado em Bethlem.

Liberdade, virgem linda,
Virgem sim, que ousado ainda
O mortal te não gozou;
Eu te adoro, ó liberdade,
Como Deus ama a verdade,
Como Christo a Deus amou.

Como a mãe adora o filho,
Como a flôr da aurora o brilho,
Como a luz d'aurora a flôr,
Como o arabe o deserto,
O pirata o mar incerto,
De que é rei, de que é senhor.

Adorei-te, ó liberdade,
Quando em fragil, tenra edade
Deus e mãe balbuciei,
Quando o mundo me surria,
Quando infante eu não sabia
Vã sciencia, que hoje sei.

Quando vi a vez primeira,
Vir bater, bater na beira
Livre a onda, livre o mar;
Quando rir farto e contente
Vi o rico, e o indigente
Pedir pão e soluçar.

Quando apoz calmoso dia
Ía só, scismar eu ía
Sonhos vãos, dóces visões;
Quando negra estava a noite,
Quando o vento era um açoite,
Dando voz ás solidões.

No murmúrio da corrente,
No raiar do sol ardente,
Nos vãos sonhos que sonhei,
No fragor da tempestade,
Sempre, sempre, ó liberdade,
Sempre, sempre te adorei.

Nos surrisos da donzella,
No fulgir da pura estrella,
Nos rocios da manhã,
No tufão, que a vida impreca,
No caír da folha sêcca,
No pairar da sombra vã.

Liberdade! A lucta immensa,
Que revolve o mundo, é crença
Na tua santa, eterna léi;
Quando a terra, o céo divino
Cantam juntos o teu hymno,
O teu hymno eu cantarei.

O clamor da humanidade
Diz bem alto — liberdade,
Como a vaga, o vento, a flôr;
Minha voz não é forte,
Mas serçi até á morte,
Liberdade, o teu cantor.

XXIV.

ODE.

Vem juntar tua sorte á minha sorte,
Teu peito reclinar sobre o meu peito,
Tua fronte em minha fronte,
Vem ter por dias teus meus dôces dias,
O meu berço, o meu céo por patria tua,
Por teu meu horisonte.

Ou juntos divaguemos sobre a terra,
Embalem-nos, sorrindo, as mesmas auras,
Do sol o mesmo ardor,
Saudar-nos venha sempre a mesma aurora,
Tua voz e minha harpa entoem juntas
Um cantico de amor.

Quaes dois cysnes, que vão no mesmo ninho,
Mansamente embalados pela vaga,
Soltando o mesmo canto,
Enlaçados assim nesses destinos,
Repousemos unidos, e durmamos
Cobertos c'um só manto.

Teus labios, cujo halito respire,
Hão de ser para mim n'um clima ardente
Amena e fresca fonte;
Entre os gellos do norte um teu sorriso,
Será qual meigo sol, a que eu acoite
Meu peito e minha fronte.

E quando á noite, ao condensar das sombras,
Pairar confusa pela mente vaga
Da patria uma saudade,
Quando eu da minha infancia o céo querido
Buscar debalde, os olhos espraiando
Por toda a immensidade,

Meu rosto pousarei sobre o teu collo,
Respirando em teu halito encantado
Dulcissima ambrosia;
Será meu patrio berço o teu regaço,
E teu halito meigo a brisa amena
Que outr'ora me sorria.

*

XXV.

ULTIMO CANTO.

Tacuit muza.

I.

A idade porque não torna
De sonhar doces quimeras?
Á frente, que o louro adorna,
Porque não vens, brisa morna
Dôce brisa de outras eras?

Debalde a lyra esquecida
Evoca a chama apagada!
Das cinsas da flôr da vida
Não ha phenix renascida,
Não ha folha remoçada.

Dos infinitos instantes,
Que Deus á vida marcou,
Não brotam dons similhantes,
Não é hoje o que era dantes,
Já não volve o que passou.

Quando nasce a rosa pura,
E de outra rosa na campa.
Passa o tempo e a creatura;
E sendo eterna a pintura,
É sempre vária a estampa.

Sempre a noute o sol apaga,
O dia succede á aurora,
Sempre a penha quebra a vaga,
Sempre o raio ao tronco esmaga,
Sempre o vento a flôr descora.

Assim morreu essa idade
Dos sonhos e da illusão.
Matou-a o tempo, e quem ha de,
A não ser a da saudade,
Entoar-lhe outra canção?

Que importa se á muza antiga
Fui pedir inspirações?
Que importa saber, fadiga,
Se o estro já não me instiga
A idade das illusões?

Carmes que a infancia reparte
Entre amor, futuro e gloria,
Ereis rudes e sem arte;
Mas ereis a melhor parte
Da minha perdida historia.

Póde a lyra sem receio
Óra dar custosos hymnos.
Que importa, se eu já não creio
Nem nesse encantado seio,
Nem nesses olhos divinos?

Nem nesse peito, que eu cria
Todo pureza e innocecia,
Nem nas juras de um só dia,
Nem na fé da sympathia,
Nem no orgulho da sciencia!

Nem nas palavras sinceras
Dos que juraram constancia,
Nem nos heroes de outras eras,
Nem n'uma só das quimeras,
Que me embaláram na infancia.

Idolos frageis de arêa,
Que amassa tenue cimento,
Na vida um'hora se altêa,
Que vos desfaz, debil prêa,
Qual cinsa ao sôpro do vento.

Para mim soou essa hora
Bem cedo. Sumiu-se tudo;
Tudo adormece, descora;
Inda ontem sorri á aurora,
E já o occazo saudo.

II.

É que eu nasci nesta idade,
Falta de crensa e de dó,
Em que Deus á humanidade
Da antiga posteridade
Mandou cavar sobre o pó.

Dos sepulchros carcomidos
Fomos as lousas quebrar,
E vêr sem medo abatidos,
Esses heroes pertendidos,
Esses deuses sem altar.

E vimos tudo mesquinho
O que era de homens herança,
Tanto o throno como o ninho,
Tanto o pó como o arminho,
Tanto o heroe como a creança.

III.

Vimos que o homem, por grande,
É sempre cego instrumento;
Que embora o mundo commande,
Um sôpro só que Deus mande,
Eil-o ludibrio do vento.

Vimos o vicio envolvido
Nas vestes da sanctidade,
Vimos o heroe ser vencido,
E o deffensor do oppremido
Fazel-o só por vaidade.

Vimos amar por cubiça,
Vimos ter fé por vinçança,
E a humanidade submissa,
Para exemplo da justiça,
Por seus odios na balança.

O sôpro, talvez maldicto,
Do descrer sôprou na historia,
E cahio, verdade ou mytho,
Do pedestal de granito
Quanta estatua, quanta gloria!

III.

Se é tudo pois van memoria,
Tudo um ecco falso e vão,
Tudo uma sombra illusoria,
E, qual no livro da historia,
No livro do coração;

A quem tecer meus cantares
Neste funebre deserto,
Dos despojos seculares
De mil thronos, mil altares,
E mil sepulchros cuberto?

IV.

Feliz eu, que além dos muros
Deste templo arruinado,
Destes destroços impuros,
Vejo os pilares seguros
D'outro templo mais sagrado.

Frageis collossos humanos!
Susurra, leva-os o vento!
Só não se conta por annos
Esse templo dos arcanos,
Que é chamado o firmamento.

Mas esse templo-Universo,
Mas esse Deus que o habita;
Hei de eu cantal-o em meu verso?
Dar-lhe um som fragil, disperso
Na creação infinita?

Não são canções mais suaves
Do que estas loucas quimeras,
Da brisa o canto e das aves,
E nesse templo sem naves
A harmonia das espheras?

Da rosa o cheiro encantado,
Da natureza os mysterios,
Da ourora o brilho encarnado,
E o vento soprando irado
Nas ruinas dos imperios?

A fragil voz dos humanos
Só canta o fragil granito.
Não são os hymnos mundanos
Para medir os arcanos
Insondaveis do infinito.

Dos homens a lyra amena
Canta os sonhos e as paixões,
Ais de um dia, inutil pena;
Mas essa lyra é pequena
Para tão grandes canções.

Por isso, quando a esperança
Se esvae, qual pallida flôr,
E dos tempos de creança
Apenas resta a lembrança
De um breve sonho de amor.

Do mundo quando a mentira
Se nos amostra á rasão,
Calla-se a muza, e expira
Na extrema corda da lyra
A derradeira canção.

EPILOGO.

O auctor desses versos, que ahi ficam escriptos, reconhece perfeitamente o quão pouco elles valem. Não o cega o amor pela sua obra, e pai inflexivel, mas justo, é o primeiro a condemnar as suas proprias creações. Ao reler impressa a ultima pagina do seu manuscripto, o auctor póde applicar a si o que Lamartine, n'uma ode ao desespero, ousa attribuir ao Supremo Creador.

De son œuvre imparfaite il detourna la vue.

Esta convicção triste não seja tomada á conta de rara modestia. É ella o resultado das opiniões litterarias do auctor, o qual, para tirar toda a duvida que os espiritos mais candidos poderiam conservar ácerca da humildade das suas pertenções, declara que este menospreso modesto das suas proprias composições é acompanhado de um igual desdem por muito do que por ahi teem escripto em poesia nos ultimos tempos auctores illustres e respeitados.

Dizer que a epocha não vae poetica será, talvez, repetir uma banalidade, a qual porém ainda infelizmente não está assás demonstrada para um certo vulgo de auctores, e de criticos. E quando dizemos epocha, entenda-se bem que sómente fallâmos no dia de hoje, porque a marcha das idéas nos nossos tempos resente-se da presteza dos caminhos de ferro e do telegrapho electrico. O movimento litterario de ha vinte annos, a luxuaria e opulenta vegetação do mundo poetico nessa epocha já entrou nos dias da sua rapida decadencia. Materialmente esse movimento parece prolongar-se ainda, principalmente nos paizes em que a profissão litteraria se tornou um industrialis-

mo; o seu trabalho é agora penetrar nas ultimas camadas da sociedade, onde leva os fructos salutares ou fataes da sua influencia. Mas a ceiva da vida estancou-se-lhe, e a degeneração tem sido patente. A fórma em parte correcta, aperfeiçoada, brilhante, da poesia moderna foi na verdade um progresso, apesar das abberrações de alguns auctores. Mas a forma por si só não faz uma eschola. Mais que nenhum outro ramo da litteratura, e talvez que nenhuma outra das artes, a poesia requer a fé, a religião, uma crença, seja de que natureza for. Os cantos do scepticismo podem ter notas sublimes; mas são typos inimitaveis, que agradam uma vez sómente, monotonos e insuportaveis, se se repetem. Fingir a fé póde parecer bello, quando é feito com arte, porque é aspirar para a verdade. Fingir scepticismo em poesia é descorado e glacial. A reacção religiosa, com que se inaugurou a eschola chamada romantica, satisfazendo a uma necessidade eminente dos espiritos, parecia ser a base de uma robusta eschola e de uma completa regeneração da arte. Este pensamento generoso produziu mais de um fructo agradavel, e incitou mais de uma voca-

ção feliz. Quantos dos que hoje se dão como devotos ou como sacerdotes ao culto das letras não empallideceram durante noutes inteiras, durante aquellas noutes saudosas e ardentes de infancia, ante as paginas mysticas e suaves do auctor das Meditações e das Harmonias Poeticas? Como aquelle mysticismo vago, aquella religião neboloza, meia christã e meia phantastica, correspondia ás aspirações indefinidas das imaginações nascidas na descrença do passado, mas ávidas de fé e de sentimento! Hoje esse mysticismo vago, esse christianismo poetico deu já todos os seus fructos. Os espiritos tinham tomado pela verdadeira fé o que era apenas uma aspiração. O indefinido de uma religião poetica, meia racional e meia de convenção, não satisfaz já hoje, e voltou-se ao scepticismo, ou pertende-se illudir a imaginação com estravagantes systemas phylosophicos e falsas theorias humanitarias. Uma prova evidente da influencia das idéas religiosas e phylosophicas sobre a poesia, e de que a fé e a inspiração a abandonaram, é o silencio dos brilhantes inauguradores da eschola moderna. O estro abundante dos seus primeiros cantos abandonou-os tambem hoje a

uma esterilidade completa. Em França, que foi o theatro das mais renhidas luctas litterarias da nossa epocha, e onde se inaugurou com os melhores sacerdotes e com mais adeptos a eschola da poesia moderna, quem hoje alimenta o fogo sagrado das muzas são apenas os que, evitando os excessos e as exaggerações dos mestres, se não deixaram deslumbrar pelos seus brilhantes triumphos, e em cuja correcção e sobriedade vão hoje saciar-se os leitores desillusionados dos fogos fatuos de uma grande parte da poesia ultra-romantica.

Entre nós a litteratura poetica seguiu de longe, e *non possibus equis*, o movimento da litteratura franceza. Se esta, analysada hoje na sua essencia, não tem a energia e originalidade de pensamento, que parecia animal-a nos seus primeiros tempos, as nossas imitações ficaram-lhe ainda áquem nestas duas qualidades. A nossa poesia recente, não obstante a bellesa de algumas concepções verdadeiramente artisticas, não obstante a harmonia de algumas poucas cordas da lyra contemporanea, é em geral incorrecta, descorada, monotona, e sobretudo pouco original. A inspiração vem-lhe de Pa-

rís com os figurinos da ultima moda, e ha poucas das suas notas mais suaves que não sejam o ecco das lyras de Hugo e Lamartine. Por que se não seguiu antes o exemplo dos nossos primeiros auctores modernos, contemporaneos nas suas primeiras producções de Lamartine e de Hugo, que emprehenderam a nossa regeneração litteraria, conservando a sua originalidade, e importando as bellesas da nova eschola, e as regras da moderna poetica, sem serem plagiarios ou imitadores? Pela superioridade do seu talento, ou pelo acaso da data do seu nascimento, elles denotam na nossa historia litteraria uma epocha notavel, que talvez não tenha sido continuada como convinha.

Se, em quanto ao pensamento, a nossa poesia actual se resente de monotonia e pouca originalidade, em quanto á fórma, apesar de alguma cousa se ter adiantado, não se resente menos de dous defeitos capitaes. Tem-se attendido mais á harmonia dos sons, á parte por assim dizer externa da linguagem, do que á sua estructura e á indole do nosso idioma. Tem-se estudado quasi exclusivamente os modêlos francezes, des-

presando os infinitamente mais bellos e perfeitos da litteratura italiana. Graças á superficialidade da critica franceza sobre tudo o que é estrangeiro, entre nós, que tudo temos estudado por livros francezes, ignora-se vulgarmente a poesia italiana, a mais rica, a mais correcta, a mais aperfeiçoada das poesias modernas. Falseamos em parte a indole da nossa linguagem com a imitação das fórmas francezas, e despresamos as da lingua mais poetica da Europa, e daquella a qne mais que nenhuma outra, na variedade, na harmonia e na doçura, a nossa se assimelha.

O auctor não dissimula que destes defeitos, que hoje reconhece, não soube sempre izemptar-se. Tambem não pertenderá demonstrar por uma metaphisica abstrusa, como foi costume, ainda não ha muito, entre poetas de grande nomeada, que existe um mysterioso e indissoluvel nexo desde a primeira até á ultima das paginas do seu livro, o que as torna apenas cantos e episodios diversos de uma epopea unica e acabada. Dirá, pelo contrario, que o que ahi ficou escripto não são mais do que tentativas e ligeiros esboços, nascidos, pela maior

parte, debaixo da dupla influencia das theorias litterarias da epocha, e das primeiras desconfianças da efficacia das suas doutrinas. Se o auctor se tivesse dado ao trabalho ingrato, e talvez esteril, de corrigir os seus primeiros balbuciamentos litterarios, que felizmente nunca viram a luz da publicidade, teria talvez offerecido ao publico alguma cousa mais poetica no fundo, no caso de lhe ser possivel levar a correcção a composições filhas unicamente de uma imaginação impressionavel, mas nascidas na completa ausencia dos conhecimentos litterarios, essenciaes hoje para trabalhos artisticos desta natureza. As composições que o auctor escolheu para compor este livro foram escriptas sem pensamento fixo, nem moral nem litterario; foram escriptas, pela maior parte, sobre o joelho, para serem publicadas no dia seguinte nos folhas volantes do jornalismo litterario, a conquistarem o applauso ephemero de um dia, quando, ha poucos annos, o publico, ainda não saturado, como hoje, até á completa saciedade deste genero litterario, accolhia com uma certa affabilidade os primeiros ensaios da nova fórma, ainda não vulgarisada.

Não foi com receio das censuras acerbas, que o auctor escreveu neste epilogo a sua confissão contricta; elle sabe muito bem que a critica entre nós é de ordinario benevola e indulgente.

O epilogo é um ajuste de contas com o passado. Se o auctor de hoje em diante publicar alguma cousa mais, espera que seja obra de mais algum folego, na qual, mais bem ou mal expresso (eis o que o publico e os criticos decidirão) predominará algum pensamento.

INDICE.

ERRATAS.

A precipitação com que foram impressas algumas das folhas deste livro, bem como a ausencia do auctor no tempo em que outras se imprimiram, forão causa de saír a obra com alguns erros typographicos. Destes o leitor corregirá facilmente os de pontuação e os de orthographia, taes como *arabe*, *godo*, *canarim*, *asa*, *fagaz*, por *Godo*, *Arabe*, *Canarim*, *aza*, *fugaz*. Ha porém, além destes, os seguintes essenciaes a corrigir.

Pag. 15 — lin. 2 — Onde se lê:
O turco, que d'esses beijos,
Lêa-se: — O Turco, que d'esses beijos.
Idem — lin. 24 — Onde se lê:
Vermelha, como uma romã.
Lêa-se: — Vermelha como a romã.
Pag. 75 — lin. 5 — Onde se lê:
C'o ierro que a mãe lhe deu.
Lêa-se: — C'o ferro que a mãe lhe deu.
Pag. 96 — lin. 14 — Onde se lê:
Do pó e cinza um montão?
Lêa-se: — De pó e cinza um montão?
Idem — lin. 24 — Onde se lê:
Que diz á flor, mas á voga?
Lêa-se: — Que diz á flor, mais á vaga?

Pag. 108 — lin. 19 — Onde se lê:
Quem chora sobre uma lensa,
Lêa-se: — Quem chora sobre uma lousa.
Pag. 110 — lin. 3 — Onde se lê:
Espera
Lêa-se: — E espera.
Pag. 127 — lin. 15 — Onde se lê:
Do rouxivel no canto,
Lêa-se: — Do rouxinol no canto,
Pag. 130 — lin. 15 — Onde se lê:
No etereo monte ao vêl-as
Lêa-se: — No etereo manto ao vêl-as.